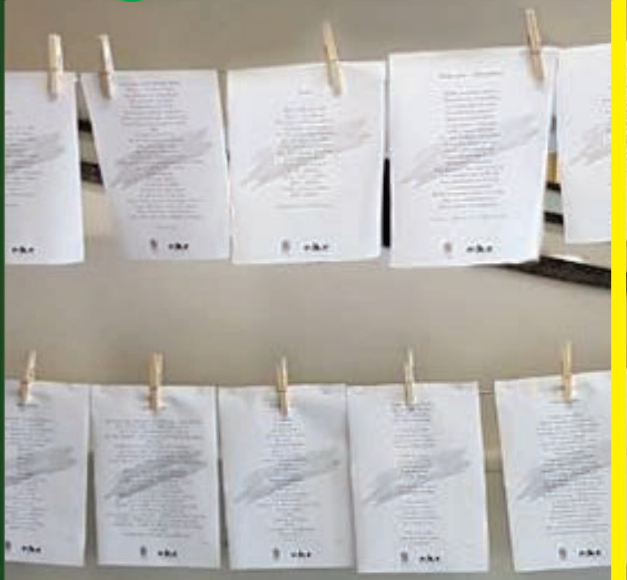
#poesianapuc

v. 3

POEMA DA MÁQUINA



1946 • 2021
75 anos
PUC-SP

educ
Editora da PUC-SP

#poesianapuc

v. 3

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
Reitora: Maria Amalia Pie Abib Andery

EDITORA DA PUC-SP
Direção:
José Luiz Goldfarb (até 28/2/2021)
Thiago Pacheco Ferreira (a partir de 1º/3/2021)

Conselho Editorial
Maria Amalia Pie Abib Andery (*Presidente*)
Ana Mercês Bahia Bock
Claudia Maria Costin
José Luiz Goldfarb
José Rodolpho Perazzolo
Marcelo Perine
Maria Carmelita Yazbek
Maria Lucia Santaella Braga
Matthias Grenzer
Oswaldo Henrique Duek Marques

#poesianapuc

v. 3

1946 • 2021 75 anos PUC-SP

educ Editora da PUC-SP

São Paulo, 2021

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Reitora Nadir Gouvêa Kfouri/PUC-SP

#poesianapuc, v. 3 - São Paulo: EDUC, 2021.

Reunião de poemas postados no site www.poesianapuc.org, no ano de 2020.

ISBN 978-65-87387-45-1

1. Poesia brasileira. I. Título

CDD 869.915

Bibliotecária: Carmen Prates Valls - CRB 8a. / 556

Direção:
José Luiz Goldfarb (até 28/2/2021)
Thiago Pacheco Ferreira (a partir de 1°/3/2021)

Produção Editorial
Sonia Montone

Editoração Eletrônica
Waldir Alves
Gabriel Moraes

Capa
Equipe Educ

Administração e Vendas
Ronaldo Decicino

A revisão e a edição dos poemas são de responsabilidade de seus autores-poetas.

Rua Monte Alegre, 984 – Sala S16
CEP 05014-901 • São Paulo • SP
Tel./Fax: (11) 3670-8085 e 3670-8558
www.pucsp.br/educ • educ@pucsp.br

CAMINANTE NO HAY CAMINO, SE HACE EL CAMINO AL ANDAR[1]

Três anos de #poesianapuc

E eis que temos a incumbência de apresentar a publicação de poemas do evento #poesianapuc, iniciativa da Educ – Editora da PUC-SP, com o apoio e parceria da Pró-Reitoria de Cultura e Relações Comunitárias (Pró-CRC), agora em sua terceira edição. Além de ser uma honra, é um momento de alegria por dois motivos principais:

Em primeiro lugar, pela presença da Pró-CRC em parceria com a Educ, desde o início desse projeto lúdico nascido no âmbito do Festival da Cultura da PUC-SP, para fomentar o encontro, a partilha, através dessa manifestação artística tão singular e especial que é o poema, de onde se desdobra o infinito mundo da poesia.

Em segundo lugar, a presente publicação, disponibilizada em formato digital, marca mais uma resposta à atual situação de atuação remota da Universidade, devido aos protocolos sanitários decorrentes da pandemia de Covid-19. Esta terceira edição do #poesianapuc, assim, procurou responder a essa desafiante situação. Mantidos o formato e a estrutura geral das edições anteriores e tendo convidado estudantes, docentes e funcionários a enviarem seus poemas, o #poesianapuc mudou, ficou diferente, "sem perder a ternura". Criou novas estratégias para garantir esse Encontro entre as/os autoras/es de poemas e suas/seus apreciadoras/es. Não teve o varal esticado com poemas pendurados no corredor da Biblioteca da Monte Alegre nem painéis em outros *campi*, mas teve eventos *on-line*, importantes parcerias, intensa produção de bastidor, diálogo, criatividade, partilha e os tantos poemas aqui reunidos... Para isso acontecer, cabe também fazer o devido reconhecimento à nossa querida PUC-SP. Para assegurar a qualidade de sua atuação no modo remoto, ela tem experimentado novas formas de trabalho em rede, envolvendo a Reitoria e suas

1. Antonio Machado, poeta espanhol.

diversas áreas, e, neste caso, contribui especialmente por meio das áreas ligadas à comunicação, como a própria Educ, a TVPUC, a DTI, a ACI, entre outras.

Neste momento, cabe homenagear aquele que abraçou a ideia desde seu início, José Luiz Goldfarb, diretor da Educ até fevereiro de 2021, docente e pesquisador com uma vasta trajetória de projetos de incentivo à leitura e um entusiasta das potencialidades das comunicações digitais como forma de encontro e de relacionamento potente e necessária, fortemente vocacionada para trocas científicas e acadêmicas: obrigado!!!

Outra pessoa importante nessa construção é o professor Marcelo Vieira Graglia, que vem contribuindo desde a primeira edição: "o #poesianapuc nasceu do Festival da Cultura da PUC-SP, em 2018. Sua proposta é dar voz a poetas da sua comunidade [...]. Cumpre, ainda, a missão de promover interações e encontros, abrindo a Universidade para manifestações de outras autoras e autores, fomentando um espaço democrático, inclusivo e poético". E conclui, com emoção de poeta: "Diante de um mundo cada vez mais cinzento, conturbado e agressivo, o #poesianapuc segue como uma daquelas pequenas formas de resistência que insistem em espalhar cores e lufadas de humanidade e delicadeza".

A edição 2020, coroada pela presente publicação, realizou os seguintes eventos virtuais, todos gravados, à disposição do público e de possíveis interessados, no site www.poesianapuc.org:

- Sarau do Grito (7/9/2020), com mediação de Frederico Barbosa, em parceria com o Museu da Imagem e do Som (MIS-SP);
- Sarau Retrospectiva 2018/2019 (13/10/2020), com a presença da poeta Esther Soares (falecida em 2021);
- Sarau 2020 (21/10/2020), com a mediação de Marcelino Freire;
- Saraus na Bienal do Livro de São Paulo (12 e 13/12/2020), durante o evento da Bienal Internacional do Livro de São Paulo.

Necessário abrir um parêntese para mais uma homenagem, desta vez uma homenagem póstuma à querida poeta Esther Proença

Soares. A sua presença no segundo encontro virtual foi um momento de especial emoção. Dias antes de nos deixar, em abril de 2021, aos 91 anos, ela irradiava a alegria de quem pode exercer essa divina profissão. Segundo Bachelard, o poema traz a possibilidade de traduzir a alma e a existência, de conectar mundos e proporcionar a identificação. Como no trecho final do seu poema "Reconstrução"

> Importa renascer
> de um novo parto
> de si mesmo

E Esther Proença Soares, na orelha de seu livro *Disco de cartolina* (2016), amplia ainda mais o sentido da poesia:

> Hoje penso que a poesia existe para além do poema. Poesia existe quando o meu olhar percebe o que não foi mostrado [...] quando o mármore ou o barro a que não dei novas formas, quando tudo que não fui eu que fiz, fala de mim, expressa o que sinto, me alivia, me ajuda a ser uma pessoa mais bem resolvida. Isso é poesia, porque isso é "o mel da vida".

Resta agradecer a marcante colaboração da equipe da Educ, na pessoa de Sonia Montone, entusiasta e incansável produtora desde o início deste projeto. E manifestar a alegria pela bela acolhida do projeto pelo Thiago Pacheco Ferreira, atual diretor da Educ, indicando novas perspectivas de continuidade deste bem-sucedido projeto.

Desejamos a todas/os as/os leitoras/es desta publicação uma ótima leitura e fruição. Caso queiram, conheçam e prestigiem os poetas das duas edições anteriores, no *site* do Projeto, e se envolvam e participem dos próximos momentos. Assim como no caso da música erudita, o exercício da poesia requer persistência, estímulo à produção poética e à formação de público. Sigamos, pois, abrindo espaços para a poesia e, como conclamou o poeta, "fazendo caminho ao andar".

Prof. Dr. Pedro Aguerre
Assistente Especializado da Pró-Reitoria de Cultura
e Relações Comunitárias da PUC-SP

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston (1993). *A poética do espaço*. São Paulo, Martins Fontes.

SOARES, Esther Proença (2016). *Disco de cartolina*. São Paulo, Pólem.

E O MUNDO SE FEZ VIRTUAL

2020 será o ano que nunca esqueceremos. Difícil lembrar exatamente como tudo começou naquele março de 2020, ainda no verão do nosso hemisfério. A transição do mundo presencial para a dimensão virtual foi rápida, nunca prevista. A chegada do coronavírus para valer e o início do isolamento social devem ter durado pouquíssimos dias...

No fim de semana anterior ao momento em que tudo começou efetivamente, eu ainda vivia a rotina do Shabat pela Hebraica, sinagoga, sauna, piscina, pista para caminhar... Entre gentes queridas, quase minha família ancestral, alegre em dias de calor pelos espaços encantados da Hebraica. Sem dúvida, o cumprimento com o cotovelo indicava que algo ocorria, mas não nos deixava antever o que estava chegando... Seria meu último fim de semana assim, leve, solto, livre pelo mundo que sempre abraço intensamente!

Então foi decretada a quarentena, como já havia acontecido mundo afora, mas que não entendíamos exatamente o que era! Alguém poderia imaginar naquele março o que seria viver em isolamento? E, a partir de então, tive de correr para as ferramentas digitais e iniciar um mergulho profundo nas realizações virtuais.

É possível recriar o mundo de agitações, encontros, eventos, realizações com gentes mil? Seria possível manter o pique virtualmente? Minha resposta imediatíssima foi decididamente positiva! Um otimismo incurável!

Em uma semana, já havia criado espaços virtuais em várias plataformas, para seguir, no virtual, minha intensa atuação junto a tanta gente. Sala de aula para as atividades na pós-graduação em História da Ciência, usando o Teams, salas de reuniões para todas as equipes de trabalho, coordenação do programa de pós-graduação em História da Ciência, atividades da Cátedra de Cultura Judaica, reuniões e salas de aula, manutenção da direção da Educ – Editora

da PUC-SP, seguindo o ritmo da produção com lançamentos de livros virtuais, com direito a agitadas *lives*, transmitidas pela TV-PUC, debatendo as novas edições.

E, dentro das atividades da Educ, surgia a questão: "Como fazer o #poesianapuc 2020, uma vez que o eixo da atividade era um enorme varal de poesias nas rampas do *Campus* Perdizes"?

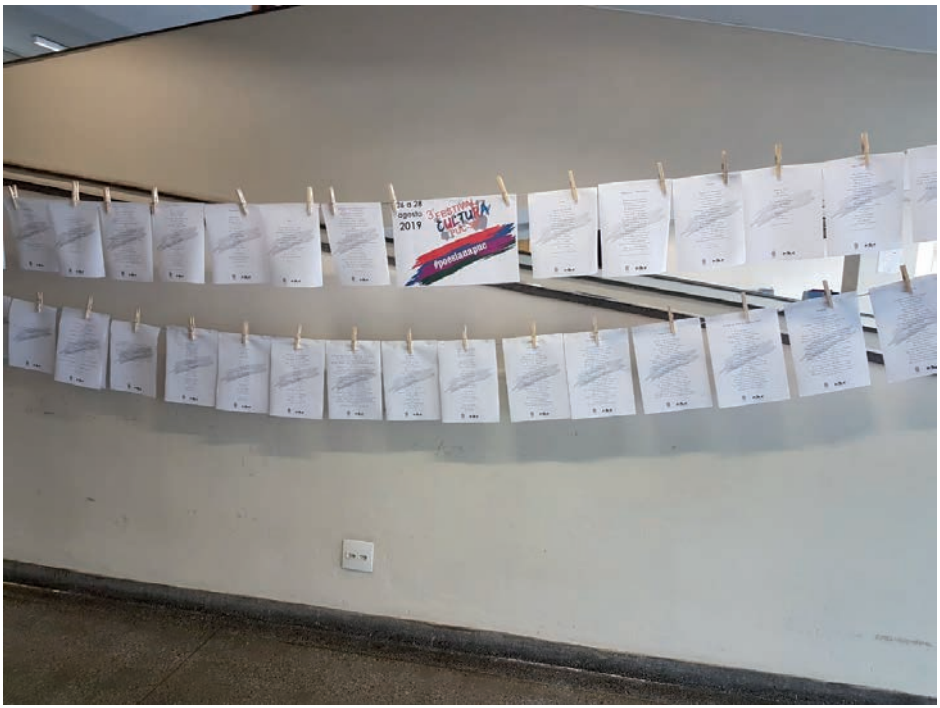
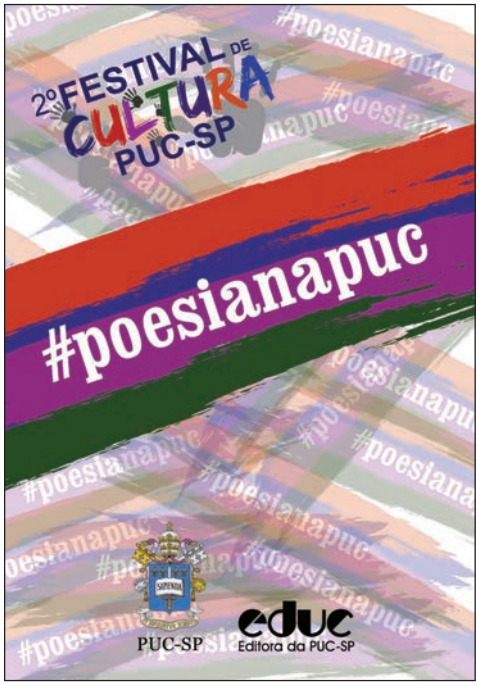


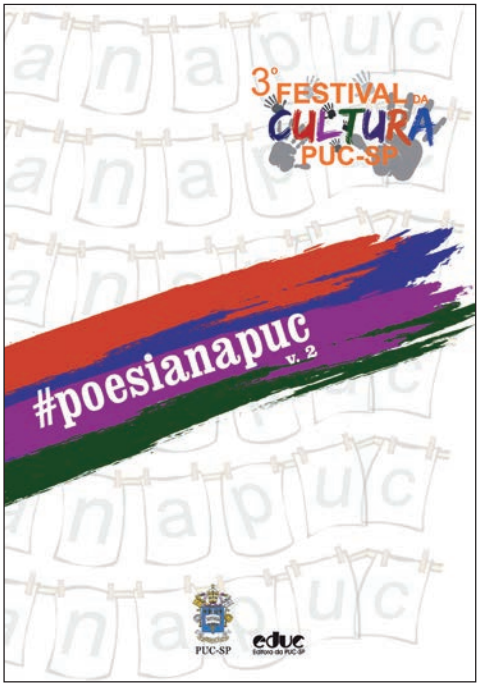
Foto do varal presencial do #poesianapuc presencial de 2019, nas rampas do *campus* Monte Alegre.

O varal lançado no Festival da Cultura da PUC-SP atraiu grande participação de alunos, professores e funcionários! Cada ano gestava, no varal, linda coletânea de poemas lançada mais próximo do final de ano na Flipuc – Festa Literária da PUC-SP![1]

1. Link para acesso às coletâneas das edições anteriores:
Volume 1: https://www.pucsp.br/educ/livro?id=489.
Volume 2: https://www.pucsp.br/educ/livro?id=542.



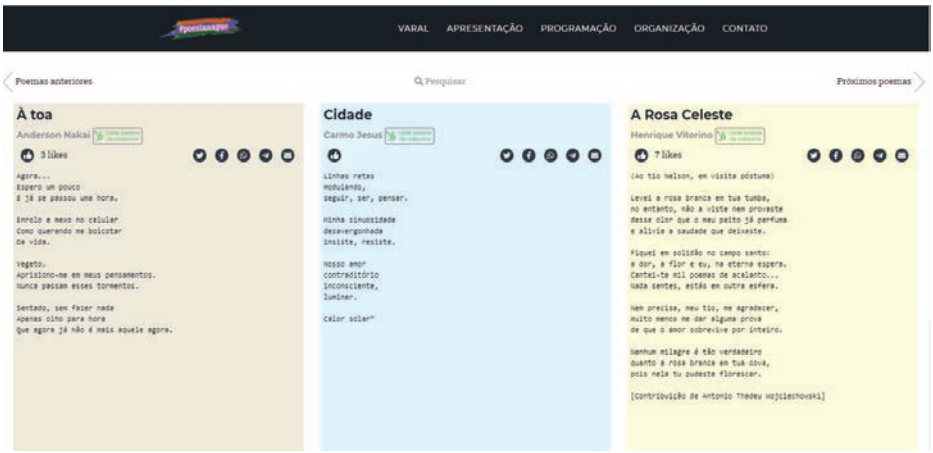
Capa do volume 1



Capa do volume 2

E agora o que seria do #poesianapuc se todos estariam em casa, e as rampas vazias?

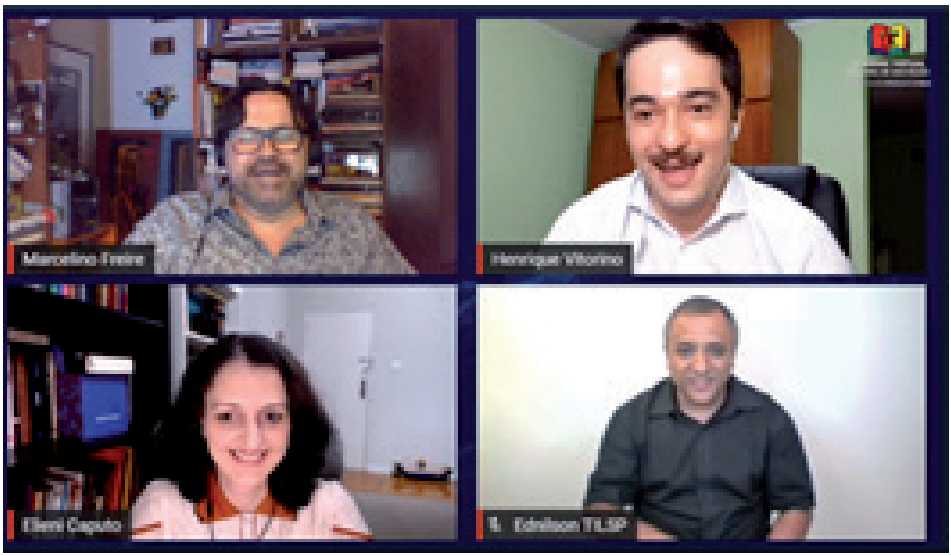
Seguindo a toada do 2020, partimos para o Varal Virtual! Abrimos, assim, a participação, não só da comunidade puquiana, mas criamos a categoria muito utilizada de "amigos da PUC", que também penduraram suas criações no Varal.



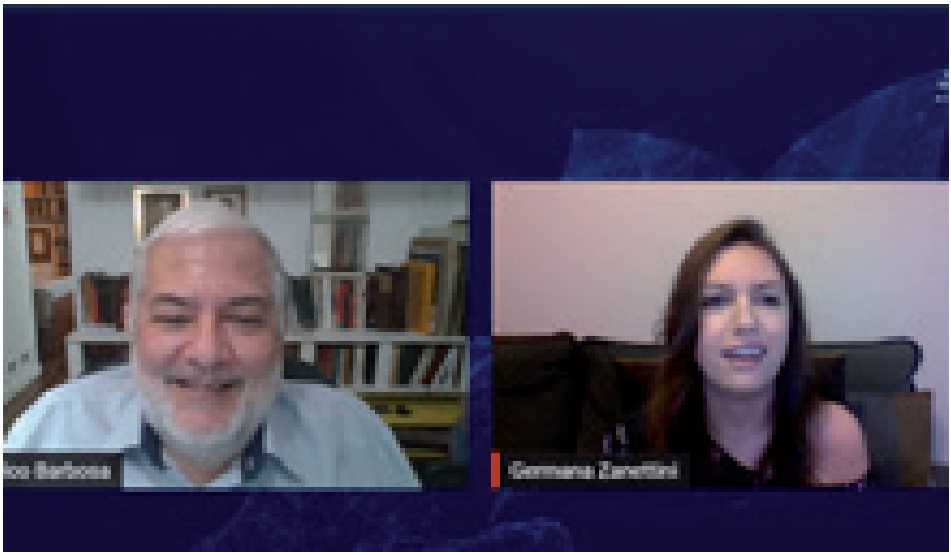
Print do varal virtual de 2020.

O varal virtual não é o varal das rampas..., mas igualmente atraiu tanta gente quanto ou mais. E tudo foi coroado com a realização em *lives* de Saraus #poesianapuc na TV-PUC, no MIS-SP e na Bienal Internacional do Livro. Milhares de internautas participaram dessas *lives*.

Sarau "Retrospectiva 2018-2019", com mediação de Marcelo Graglia, na TVPUC-SP, em 13/10/2020.



Sarau virtual com mediação de Marcelino Freire, na Bienal Internacional do Livro, em 12/12/2020.



Sarau virtual com mediação de Frederico Barbosa, na Bienal Internacional do Livro, em 13/12/2020.

Agora chega um dos momentos mais mágicos de todo editor: lançar o livro fruto de evento cultural realizado! A versão livro que tanto nos enriquece, perpetuando nossas realizações! Sementes, memória do realizado.

Quando bolamos o Varal, não sabíamos se ele funcionaria tão bem, mas em suas mãos está a prova da força do #poesianapuc 2020. Virtual, mas efetivo.

A estrutura criada no 2020 está agora aberta para sua participação no #poesianapuc 2021.

https://www.poesianapuc.org/

Seja bem-vindo, seja bem-vinda! O Varal é virtual, mas vocês leitores são completos, híbridos presenciais e virtuais, e tem tanto a nos ofertar.

Por minhas outras vertentes de atuação fora da PUC-SP, nasceram atividades semelhantes, *lives* no Museu da Imagem e Som de SP, MisEmCasa, com o Cineciência e o MisExLibris; no clube Hebraica nasce a SinaZoom, que realiza, desde aquele março, a celebração participativa no Zoom, incluindo os tantos momentos de despedida de centenas e centenas de queridos e queridas, em cerimônias de apoio aos enlutados. As homenagens aos entes queridos, usufruindo do fator desinibidor do Zoom, vieram presentear a todos com história de vida de cada um que nos deixou!

Assim, descobrimos que há vida no virtual. Que somos nós mesmos que lá estamos, ainda que limitados pelas telinhas. A cultura sempre encontra seus meios de expressão, mesmo em momentos de tantas barreiras. Já lemos poesia de Pessoa e receita de cozinha em espaços censurados pela ditadura.

Curtam muito nossa #poesianapuc! A poesia nos faz humanos. O virtual também nos faz poetas. No Varal, você pode até recriar os poemas já publicados, utilizando ferramenta de Inteligência Artificial!

O Varal como tudo no virtual somos nós, espíritos presentes pelas telinhas...

Finalmente, não posso deixar de agradecer a toda a equipe da Educ que através de reuniões periódicas não deixou a "peteca cair", mantendo intenso ritmo de edições e promoção de eventos literários: Sonia Montone, Waldir Alves, Ronaldo Decicino, Gabriel Moraes. Ao querido Bigolin, da UFRGS, que se ocupou da programação do Varal on-line, introduzindo, inclusive, o charme da Inteligência Artificial; à querida prima, Ana Goldfarb, que através de sua empresa Elo Forte promoveu nosso #poesianapuc 2020. Finalmente, agradeço à equipe da TV-PUC, à Bienal Internacional do Livro e ao MIS-SP, que viabilizaram nossos Saraus de Poesia.

PS: não seria justo não confessar que já havia mergulhado no virtual desde os primórdios das redes digitais em 2009. Mas esta é outra história, que fica outra vez!

José Luiz Goldfarb
Curador do #poesianapuc
Diretor da Educ (de 2017 a fev. de 2021)

POEMAS DO REAL AO VIRTUAL

O #poesianapuc surgiu em 2018, como parte do 2º Festival da Cultura da PUC-SP. A ideia era trazer para dentro dos *campi* da Universidade um pouco mais de poesia! Desde então, anualmente, alunos, professores, funcionários e amigos da PUC foram convidados a postarem seus poemas autorais nas redes sociais com a hashtag #poesianapuc, para que, depois de capturados por uma equipe organizadora, ficassem expostos em varais por nossos corredores e rampas. Reunidos, ao final do evento, os poemas eram publicados na versão e-book gratuita, e uma seleta era publicada na versão impressa, homenageando os grandes poetas descobertos em meio à pesada rotina acadêmica.

Em 2020, com a pandemia da Covid-19, que nos surpreendeu e nos deixou isolados socialmente, impossibilitando que circulássemos pelos *campi* admirando os belos poemas pendurados nos varais e que fizéssemos o sarau no dia do lançamento do livro impresso, evento sempre tão caloroso e emocionante, fomos motivados a criar uma nova versão do varal, totalmente virtual. Não perdemos a sensibilidade poética; pelo contrário, foi ela que nos motivou a avançar e a seguir em frente.

O *site* foi um sucesso! A cada dia novos poemas eram pendurados, dando corpo ao nosso varal e voz aos nosso poetas. E, com enorme prazer, hoje temos reunidos todos os poemas na versão e-book deste terceiro volume do #poesianapuc.

Além dos nossos velhos conhecidos, poetas que estão conosco desde a primeira edição, vieram se juntar a nós outros poetas incríveis, sensíveis para a escrita, para a declamação, para a música e para as artes. Também aqui estão os poemas de máquina, assinalados com o símbolo . São poemas gerados pela inteligência artificial, a partir dos termos/assuntos dos poemas postados. Uma experiência virtual poética que abrilhanta ainda mais nossa publicação.

Por fim, desejando uma excelente leitura, lembramos encantados o grande poeta Manoel Barros:

"Que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balanças nem barômetros etc. Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós". (Barros, 2008, p. 109)

Sonia Montone
Pela Comissão Organizadora

REFERÊNCIA

BARROS, Manoel (2008). *Memórias inventadas*. São Paulo, Planeta.

SUMÁRIO AUTOR

Abel Coelho 25
Alberta Emilia Dolores de Goes 27
Alessandra Schmidt Gonzalez 28
Alessandra Schmidt Gonzalez 29
Alessandra Schmidt Gonzalez 31
Alessandra Schmidt Gonzalez 32
Amilcar Rodrigues Fonseca Júnior 33
Ana Carolina Fávero de Oliveira 34
Ana Carolina Fávero de Oliveira 35
Ana Rosenrot 36
Anderson Yutaka Kurahashi Nakai. 37
André Vaz de Campos Tourinho 39
André Vaz de Campos Tourinho 41
André Vaz de Campos Tourinho 43
André Vaz de Campos Tourinho 45
Antonio Fais 46
Antonio Fais 48
Antonio Fais 49
Ariane Freire de Sá 50
Beatriz Badim de Campos. 51
Beatriz DI Giorgi. 52
Beatriz DI Giorgi. 53
Beatriz Helena Ramos Amaral 54
Bruno César dos Santos 55
Caio Olivette Pompeu. 56
Caio Olivette Pompeu. 57
Camila Fratini Barbosa. 58
Camila Giovanelli Sampaio Pádua 59
Camila Vitória Barbosa de Sousa 60
Carlos Genésio de Oliveira Seixas 61
Carlos Genésio De Oliveira Seixas 62
Carlos Gildemar Pontes 63
Carlos Gildemar Pontes 64
Carlos Gildemar Pontes 65

Carlos Gildemar Pontes 66
Carlos Versiani dos Anjos 68
Carmo Antonio Ferminiano de Jesus 69
Carmo Antonio Ferminiano de Jesus 70
Carmo Antonio Ferminiano de Jesus 71
Carmo Antonio Ferminiano de Jesus 72
Carolina Aguerre de Salles Penteado 73
Carolina Aguerre de Salles Penteado 74
Carolina Aguerre de Salles Penteado 75
Carolina Aguerre de Salles Penteado 76
Carolina Rieger Massetti Schiavon 77
Carolina Rieger Massetti Schiavon 78
Carolina Rieger Massetti Schiavon 79
Clara Mathias Campos 80
Débora Aoni 81
Débora Aoni 82
Débora Aoni 83
Débora Aoni 84
Desirée Garção Puosso 85
Desirée Garção Puosso 86
Desirée Garção Puosso 87
Desirée Garção Puosso 88
Edilaine Correa 89
Edilaine Correa 90
Elcio Daniel Fonseca 91
Elcio Daniel Fonseca 92
Elcio Daniel Fonseca 93
Elieni Cristina da Silva Amorelli Caputo 94
Elieni Cristina da Silva Amorelli Caputo 95
Elieni Cristina da Silva Amorelli Caputo 96
Fabiano Fernandes Garcez 97
Fabricio Felix da Costa 99
Flavia de Oliveira Marques 100
Flavia de Oliveira Marques 101
Flavia de Oliveira Marques 102
Giselly Andressa de Jesus Rocha 103
Giselly Andressa de Jesus Rocha 104
Giselly Andressa de Jesus Rocha 105

Giselly Andressa de Jesus Rocha 106
Giselly Andressa de Jesus Rocha 107
Graziela Martins Oliveira 108
Heitor de Oliveira Alves 109
Heitor de Oliveira Alves 110
Henrique Vitorino Moura Valle 111
Henrique Vitorino Moura Valle 112
Henrique Vitorino Moura Valle 113
Henrique Vitorino Moura Valle 114
Ilanna Reis 115
Ilanna Reis (nega Reis) 116
Iranildo da Silva Marques 117
Isabel Fernandes 118
Isabel Fernandes 119
Itajai Oliveira de Albuquerque 120
Itajai Oliveira de Albuquerque 121
Itajai Oliveira de Albuquerque 122
Itajai Oliveira de Albuquerque 123
Jerry Chacon 124
Jerry Chacon 125
Jerry Chacon 126
Jhennifer Cândido 127
Jhennifer Cândido 128
Jociane Xavier Dos Santos 130
Jorge Claudio Ribeiro 131
José Augusto Gusmão de Almeida 132
José Augusto Gusmão de Almeida 133
José Augusto Gusmão de Almeida 134
José Carlos Galdino da Silva Galdino 135
José Carlos Galdino da Silva Galdino 136
José Carlos Galdino da Silva Galdino 137
José Carlos Galdino da Silva Galdino 138
José Eduardo Rendeiro 140
Jose Luiz Goldfarb 141
José Sebastião de Sá 142
Juares de Marcos Jardim 143
Juares de Marcos Jardim 144
Juares de Marcos Jardim 145

Juares de Marcos Jardim 146
Júlia Ribeiro Faraleski 147
Juliane Mantovani Novello 148
Karen Lemes Soares Santos 149
Karen Lemes Soares Santos 150
Karen Lemes Soares Santos 151
Karina Caputti Vidal 152
Karina Caputti Vidal 153
Laila Angelica Moraes 154
Laila Angelica Moraes 155
Leila Celina Silva Magalhães 156
Lilian dos Santos Goncalves 157
Lilian dos Santos Goncalves 158
Lilian dos Santos Goncalves 159
Lilian dos Santos Goncalves 160
Luciano Bitencourt de Freitas Andrade 161
Luciano Bitencourt de Freitas Andrade 162
Luís Henrique de Carvalho Lopes/Maria Lucivânia Alves Maia 163
Luiza Sidraque Santos 164
Marcelo Graglia 165
Marcelo Graglia 166
Marcelo Graglia 168
Marcelo Graglia 169
Maria Assunção Montañés Jovellar 171
Maria Letícia Leite Prudêncio 172
Maria Letícia Leite Prudêncio 173
Maria Lucivânia Alves Maia 174
Maria Lucivânia Alves Maia 175
Maria Lucivânia Alves Maia 176
Maria Lucivânia Alves Maia 177
Maria Lucivânia Alves Maia 178
Marina Viana 179
Marina Viana 180
Marina Viana 182
Marina Viana 186
Martha Maria Zimbarg 187

Martha Maria Zimbarg 188
Martha Maria Zimbarg 189
Martha Maria Zimbarg 190
Maurício Thadeu Rodrigues Alves 191
Natalie Verndl 193
Nayá Fernandes de Sousa Ricciuto 194
Pamela Sales de Mattos 195
Pamela Sales de Mattos 196
Pamela Sales de Mattos 197
Pamela Sales de Mattos 198
Patricia Oliveira da Silva 199
Patricia Oliveira da Silva 200
Patricia Oliveira da Silva 201
Paulo Henrique dos Santos Xavier 202
Paulo Virgilio D'Auria 203
Perola Carvalho Pereira 204
Rita de Cassia Mesquita Taliba 205
Rita de Cassia Mesquita Taliba 206
Rita de Cassia Mesquita Taliba 207
Rivaldo Carlos de Oliveira 208
Roberta Pereira da Silva 209
Roberta Pereira da Silva 210
Ronaldo Decicino 211
Sabrina Afonso de Paula 212
Salma Queryn Moura 213
Salma Queryn Moura 214
Salma Queryn Moura Quispe 215
Salma Queryn Moura 216
Sayane Santiago de Araújo 217
Sidnei Olivio 218
Sidnei Olivio 219
Sidnei Olivio 220
Sidnei Olivio 222
Silas Abraão Borges de Castro 223
Silas Abraão Borges de Castro 224
Susanna Busato 225
Susanna Busato 226

Thais Barros 227
Thais Barros 228
Thalita Oliveira Bobio 229
Thalita Oliveira Bobio 230
Tomás Fiore Negreiros 231
Tomás Fiore Negreiros 233
Tomás Fiore Negreiros 235
Tomás Fiore Negreiros 237
Valmir Silva Jordão 239
Valmir Silva Jordão 240
Valmir Silva Jordão 241
Valmir Silva Jordão 242
Valmir Silva Jordão 243
Virginia Maria Finzetto 244
Virginia Maria Finzetto 245
Virginia Maria Finzetto 246
Virginia Maria Finzetto 247

BEIJO MASCADO

Página em branco
Canção sem palavras
Suspiro

Um risco arrisca a palavra
A pena me falha no meio
Soluço

A palavra vale o poema
Segue a mão o que dita o coração
Arrepio

Poemas precisam de palavras
Alguns pedem silêncio
Tento

A vida passou hoje por aqui
Deixou gravada sua escrita
Marco

Faço poesia como vento
Dissipo ideias sobre seus cabelos
Desfaço

Queria saber escrever com seus lábios
Morder as palavras, sugar o sentido
Beijo

Abel Coelho

PANDEMIA

Nos tira
o ar,
a paz,
o convívio,
a saúde...

Nos dá
medo,
incertezas,
pesadelos,
inseguranças...

Nos rouba
o tempo,
os dias,
os meses,
o ano...

Escancara a naturalidade das arbitrariedades,
Da política genocida,
Da opressão dos já excluídos,
Da humilhação e morte dos "sem"
saúde, moradia, trabalho, renda, vida mansa...

Devasta-nos e leva pelas mãos
Tios, como o Zezinho,
Mães, como a nossa amada Josefa,
Amigas, como a Dorinha,
Quase-primos, como o Ricardo e mais de cento
e vinte mil anônimos deste Brasil...

continua

continuação

Desencadeia a loucura,
A Depressão,
O Suicídio,
A Violência e
A dor na alma...

Margeia também,
o afeto,
o amor,
a esperança,
a solidariedade,

E, deixa seus ensinamentos sobre
o simples,
a importância do hoje,
o enigma do que é viver...
E, não saber até quando e onde o futuro está.

Outono-Inverno de 2020.
Com saudoso-amor.

Alberta Emilia Dolores de Goes

TEMPO

Estamos à envelhecer a cada instante
E não nos damos conta...
Os dias passam sutilmente
E não nos damos conta...
A noite dormimos e o tempo voa
E não nos damos conta...
A semana vem e vai
E não nos damos conta...
O mês nem começou e o ano já passou
E não nos damos conta...
A vida e tão fugaz
Transitória demais
E não nos damos conta...

Alessandra Schmidt Gonzalez

HORA DAS FLORES

Flores...
Eu amo, mas confesso quero recebe- las em vida!
Não me mande flores no momento da despedida.
Ah nesse momento não terei mais vida.
Não poderei sentir o perfume agradável das flores,
não poderei enfeitar meu espaço agora vazio.
Então te dou um conselho:
Mande- me flores ágora, esse é o momento exato.
Quero desfrutar o frescor , quero contemplar o
colorido e sentir o perfume das flores.
Então só agora nesse momento estou disponível para tal.
Flores em coroas funebres deveriam ser proibidas.
Esse é meu ponto de vista!
Flores foram feitas para celebrar a vida.
Na morte elas não ficam bonitas.
Elas se tornam tristes e nessa vida breve digo e repito:
As flores quero recebe_las em vida!

Alessandra Schmidt Gonzalez

TUDO E LÍQUIDO

Tudo é líquido e assustador.
Cada pessoa tem o seu valor.
Em que se sustentar diante da dor?

Num mundo onde tudo está vazio
Onde o rio está por um fio
Onde as crianças não conhecem a natureza e suas belezas
E os celulares só trazem frieza!

Onde perdemos nossos valores
Por não se importar com as folhas e as flores?

Hoje os humanos só veem riqueza no que é material,
No vil metal.
Tempos modernos! Tempos de caos,
Onde as pessoas mesmo tendo tudo não tem nada.

Um vazio habita sua alma,
Trazendo choro, dor e falta de calma.
Fazendo sua mente ter tristeza veemente,
E sua vida não ter valor.

continua

continuação

Estamos absorvidos, perturbados,
Por uma vida banal onde tudo é só aparente

Oh! que grande tristeza!
O ser humano perdeu sua leveza!
Por ter deixado sua alma se contaminar pela obsessão de uma vida
Que tem que ser provada, e não vivida.
Tantos clicks exibem a beleza
De uma vida inundada de alegrias, cores e celebrações
Tudo perfeito! Zero defeito.

Momentos registrados e eternizados
Em posts compartilhados, curtidos e comentados:
O virtual é que é legal!

No final, tudo termina em colossal solidão, frustração...
A sensação de que falta algo no âmago
que possa preencher a alma oca
Tempos líquidos escorrem em vidas vazias.

Alessandra Schmidt Gonzalez

FOGO INTERIOR

O fogo queima...
E leva para longe o passado que ontem me pertencia.
O fogo queima
Tudo que hoje não faz mais sentido.
O fogo dilacera
Tudo que no passado fez doer meu coração
O fogo extermina
A paixão louca que nunca pode se transformar em amor
O fogo queima ...
A vida segue seu curso
O fogo queima...
Sua labareda ferroz levou para longe o que na verdade nunca existiu!

Alessandra Schmidt Gonzalez

ENTREGA

d e s pi u a a r m a d u r a

c o n s t r u íd a d e t a b u

c e d e u s e u c o r p o n u

c a r e n t e d e e s t r u t u r a

Amilcar Rodrigues Fonseca Júnior

PENDULAR

Ramos sobre a cabeça
no corpo da esperança
O invisível se desfaz
Quem somos e as
Ondas de vento
não vêm mais

Te espero nos encontros
Vieses do tempo
Agora passados

O que passou, passou
Mas ainda resta muito de mim
No que em mim já foi
e tende vir a ser

O vai e vem do estar
bem novo, bem velho, peculiar
Sabendo, de alguma forma:
as palavras precisam chegar a algum lugar

Não se engane, lá vem ele
O impeto fará renascer
Quando menos se espera
Olhe só, bem atrás de você!

Ana Carolina Fávero de Oliveira

EU JÁ ESTOU INDO

Percebeu que poderia ir além
E foi, sem perceber
também
Que de além, muito pouco
se afigura
O que há é só o alguém
À procura de no outro
Encontrar o que já se tem

E nisso, tanta gente vem
E o ninguém
Ainda se consuma
Verdade que te quero bem
Mas com você, o vazio
ainda continua

Desfigura o que se faz de bem
Com isso, permanece o aquém
Mas eu sei que pra isso não existe cura

Ana Carolina Fávero de Oliveira

MOÇA DIREITA

Moça direita,
não rebola ao caminhar,
não usa saia curta, shortinho, decote,
nem pode assobiar;
tem passo miudinho,
não entra no salão de bilhar...

Moça direita,
não fala palavrão,
se cobre toda,
pra ninguém passar a mão...
Tem que casar logo,
ou é chamada de sapatão...

Ainda sou moça direita,
mas aprendi a dizer não,
não aceito, de forma alguma,
conduta de machão,
e quem não respeita uma opção...

Sou moça, menina, mulherão,
e vou lutar contra a violência e a repressão...

Ana Rosenrot

À TOA

Agora...
Espero um pouco
E já se passou uma hora.

Enrolo e mexo no celular
Como querendo me boicotar
Da vida.

Vegeto.
Aprisiono-me em meus pensamentos.
Nunca passam esses tormentos.

Sentado, sem fazer nada
Apenas olho para hora
Que agora já não é mais aquele agora.

Anderson Yutaka Kurahashi Nakai

DEFLAGRAÇÃO

Em chamas de perdição,
Deflagrou-se o coração
Nada mais destrutivo
Que um amor posseiro
Nos íntimos abismos
Insuflando o anseio:
Dele ter-se inteiro
Cessando-lhe ruídos
Até antes possuídos

Pungência para que se mova
Urgência, nesta hora, não noutra
Montes, arfantes pulmões e coriza
A cura em busca se aponta nociva
Na neblina, uma clareza, um objetivo:
"Vez começada essa jornada, prossigo"
Daquela brevidade, permaneceria
Algo pétreo com espontânea garantia

Desejosos de viver como jovens
Bem aqueles que eufóricos sofrem
Ao auge da vida à frente
Docemente provam da morte
Adrenalina que os percorre
Sonhos são asilo e pão
Nascidos de um sentimento vivo
Sobreviveriam, sim, para isso
Serve a juventude: tomar riscos

continua

continuação

Inda ingressantes das faculdades mentais
Mas, em aura, iguais, sairiam dali jamais
Marcados pelas mãos em fogo
Ao tocar o fundo um do outro
Estrangeiros primeiros de si
Terno elo que se mantém firme
Passado que nos é inalterado
Marquise para dias de chuva
Por mais distantes e a mudar
Gratos pelo dado pelo acaso
Que sem pedir ou prometer
Presente deixa na memória
O olhar perdido ao entardecer
Corpo que parado se mostra
Em músculos e ossos tremer
No velho ouvido voz ressoa:
“Destes braços, asas irão voar”

Nostálgica, cerrou a janela
Pasma pelo descuido se levar
Alucinada por impetuoso vento
Que acalenta tão quão invade
Com incidente arrebatamento
Mal sabendo o que houve ali
Viagem em demasia
Para voltar num só dia.

André Vaz de Campos Tourinho

NA PAULICEIA, UM CORAÇÃO HÁ

Em homenagem à Avenida sobretudo Paulista

Sobe do túnel e então desço no ponto
Como quem dos céus tem um encontro
A neblina que aparecia, era outono
Seus habitantes talvez não a merecem
Grandeza que no concreto resplandece
Mais uma vez, a Pólis retoma forma
Para a jornada de quem só acorda

Com sentimentalidades ao ouvido
A criar a trilha sonora
De meu próprio filme
Andando certeiro, é preciso destino?
Treinando o fechado olhar
Enquanto de dentro riu-se

Busco fazer minhas obrigações
Tendo meu pensamento preso
Que há muito já estava longe
No tudo faria para nele vivê-lo
Inspira a paisagem antinatural
Formigueiro no húmus cinzeiro
Semáforos e carros são curral

Talvez ali insistia em caminhar
Ao vapor atmosférico da metrópole
Por algo em especial, magia havia
A multidão incessante de ritmo prole
Qualquer figura passante à vista
Com infinitas histórias de mim dissolve
Entre abrupto passa-trans-porte

continua

continuação

Um quadro heterogêneo e disforme compõe-se
Do mendigo ao pobre, desconhecido a Van Gogh!
Resistem às copas espelhadas arte em casarões
Inesquecíveis domingos e fins de semana
Em que os mil tipos de tribos urbanas
Fundiam-se em desfile pela marginal
Sem que fosse Natal, Réveillon ou Carnaval

A sensação única de crer
Por um segundo ao menos
Estar no lugar certo e ser
Onde tudo vai acontecendo
Estranha façanha de se ter
Por me ver naquele momento

Havendo de partir, quebra-se a hipnose
Como se cansados do brinquedo gasto,
Eu dela e ela de mim, a garoar deixa-nos
Sabendo do amanhã que me revolve

Agora, um fim de tarde
Início de noite quase
De um casual dia chuvoso
Perfeitamente paulistano
Pesadelo com que sonho imaginando
Ah, Avenida Paulista e seus rostos mil!
Cheia de desamor e Consolação e brio
Para minha sincera surpresa
Das tantas veias da Pauliceia
A um coração pulsante se leva

Que prometeu aos passos meus
Não tão cedo os apagaria
Pelas raras madrugadas
Quando se visse vazia.

André Vaz de Campos Tourinho

ANTIPOESIA

A busca pela rima perfeita
Não uma entre as mesmas
Mas inaudita em diferença
Opulenta da forma etérea
Tal qual mensagem carrega

Poesia não é escrita
É música imaginativa
Que de somente palavras necessita
Caso haja mente armada de sinfonia

Desperta-nos movimento, ritmo
Comove-nos sentimentos, melodia
O fardo pela criação de algo digno
À vista de partituras de risca canônica

O árduo equilíbrio
Entre o vômito silvestre
E o cientificismo
Técnico ao que escreve

continua

continuação

Tons receados de inexatidão
Ou literalidades tomar-los-ão
Angústia a qual jamais ocorreria
A olhares movidos a antipoesia
O impasse eterno
De preciso ser verdadeiro
Ou levar-se a retê-lo
Em prol de um belo
A inglória luta de vencer o efêmero
Desmotivada quando em processo
Até o momento em que se lendo
A entrega completa pelos versos,
Embora outrora fora posta à prova rigorosa,
Há a composição de uma identidade própria
Creio que o despertar alheio seja a glória
Que, de curiosa forma, torna-se nossa.

André Vaz de Campos Tourinho

QUARENTENA DE OUTONO

Mal acabo de chegar à vintena
Aniversariando em quarentena
A adolescência aqui se encerra
Heis de mim segunda década

Porém, o mundo nosso exige mais
Do que divagar sobre questões particulares minhas
Acordamos das anestesias banais
Nova doença fora precisa para curar velhas feridas

Celebro a vida entre cercas
Pois lá fora o algoz é invisível
Na tosse, no toque
De quem quer que seja
Não há rosto, casta, cor, pátria ou rito
Alvo todos, salvo ninguém, tampouco invicto

Das coberturas da Graça e Vitória
Às favelas do Retiro, deserto visto
Em absoluto tudo, cena histórica
Como se nada houvesse existido

Um povo que despovoou sua terra
Aos moldes dum êxodo domiciliar
Até as praças de consumo decidiram cessar
Tais quais as turbinas de sovinas, como será?

continua

continuação

Feito formigas na iminência da chuva
Percebemo-nos pequenos numa luta
Após séculos de avanço e progresso, o inimigo
Nada mais nada menos é do que microscópico

Raul Seixas, sim, ele,
Falhara em profeta serdes
O dia em que a Terra parou não chegara
Soberano geoide plenamente translada
Somente a humanidade, de corpo,
E, quiçá, alma, curvou-se ao Todo

Já o homem enquanto ser não desiste
Por isso, não há de prever fim de fins
Quantas pragas e estiadas vencemos
Tal advento como alerta tomemo-nos

Muito exalta-se nas estações demais
O verão pela atmosfera tropical energética
Praias, biquínis, bronze à pele e carnavais
Pelas cores e flores a brotar, a primavera

Mas sábio revelou-se o outono prudente
Que, em tempos correntes, dos outros à frente
Prepara a folhagem a invernos incertos
Contudo, não desanimeis assim tão fácil
Mesmo em final de enredos, há posfácio
Com frescor esperançoso de menino
Cajado bata que nada está perdido.

André Vaz de Campos Tourinho

NÓS

Nós somos nós
De fortes braços
Suaves dós
Um só compasso
Em plena voz
Doces abraços
Somente nós
Atados laços
Eternos nós

Antonio Fais

SEPARARAM-SE

Quiseram-se bem, mas...
Não há bem que sempre dure
Dizem
Separou-se parece mais preciso
Por partir de um a proposta
Mas, aceita...
Separaram-se
Quando um não quer
Dois não brigam
Dizem também
Quando um não quer
Dois não se amam
No mais largo sentido da palavra
Separaram-se
Não se desejaram mal
Nem bem, é verdade
Fracassos futuros fariam ver que
"o bem estava bem ao seu lado, meu bem"
Separaram-se com certo alívio
De chuva em tardes quentes
Separaram-se
Como água e óleo
Talvez nunca tenham se unidos

continuação

continua

Separaram-se
De corpo e ...
É! A alma demora um pouco mais
Separaram-se
Sem medir que na primeira manhã
Buscariam braços e bocas
Procurariam pernas e pés
Umas dentro
De outras em voltas
Separaram-se
Sem saber sextas e sábados
Tênues tardes de domingo
Separaram-se
Quiseram-se mal
Mas como
Não há mal que nunca acabe
Separaram-se

Antonio Fais

DESCARTES

Diz dizer o que pensa
Diz pensar o que diz
Diz farsa com ofensa
Dispara boca infeliz

Descartes apenas de verbo
Cogito inútil saber
Ergo diante de nada
Sumo um pouco com tudo

Antonio Fais

RETICÊNCIAS

Esse ano tem sido complicado:
Tudo anda meio confuso, tudo meio bagunçado.
A gente se perde um pouco,
A gente se desencontra,
Fica com medo e com as angústias todas guardadas.
Guarda uma saudade aqui, uma lembrança acolá,
Daqui a pouco junta com as expectativas,
os medos, as incertezas e pá!
A gente desmorona.
Tá tudo bem não estar bem nesse momento,
A verdade é que ninguém tá 100%.
Tem dias que a gente chora,
Mas tem dias que acorda agradecendo por viver.
Tem que ter esperança e manter os sonhos,
Tem que ter forças pra encarar tudo isso.
Tudo vai passar, eu espero.
Tudo vai ficar bem.
Tô dizendo isso de novo e não faço ideia do que pode vir.
Mas a real é que a gente nunca sabe,
Às vezes a gente acerta na aposta,
Vai errando, aprendendo, ganhando experiência,
Mas os nossos planos são e sempre serão sobre o futuro,
Aquele tempo, lá na frente, o que tem reticências.

Ariane Freire de Sá

CONTEMPLAÇÃO

a poesia
cinge
o ventre
do verbo,
um vórtice
entre
duas realidades:
a do papel-palavra
que enforma
as pausas,
as sílabas,
as rimas
as vírgulas
candentes
na forja
dos versos
e a da voz-imagem
que em aragem
ondulante
de estradas
distantes
vai em busca
do não-significado
nos horizontes
(im)possíveis
da página.

Beatriz Badim de Campos

A NAVEGAR POR ÁGUAS FAMILIARES

Quando meu tio punha o Dorival na vitrola eu vibrava.
Assim aprendi admirar o mar.
Mas não entro fácil nos navios e os encontro pela
narrativa transformada em lembrança.
Os navios que trouxeram meus bisavós eu admiro.
Admirar é bom, mas amar é melhor.
Minha mãe amava e admirava o mar transparente.
E amo boiar no raso do mar e só assim
posso admirar o que é externo
E alheio a mim.
Assim é o caminho de amar como uma onda
despretensiosa no mar, que me delicia lembrar.

Beatriz DI Giorgi

CHAMA QUE CHAMA

Preciso de ar.
Faço questão de poder fazer a questão que
eu quiser e obter respostas .
Tomo cuidado e evito ferir com minhas
questões infinitas e as vezes cítricas.
Quero horizontes
Preciso de luz
Faço questão de responder a questão alheia
até meus limites até a dor na cicatriz.
Tomo cuidado e evito que meus limites
fiquem curtos e aprisionantes.
Quer horizontes.
Tomara que esse fogo todo não acabe comigo e com meus desejos
Que tenho medo de realizar.

Beatriz DI Giorgi

FILME

nem sei da luz
prefixo de brilho
já prepara o sol

Beatriz Helena Ramos Amaral

ENQUANTO HOUVER LUZ

Enquanto houver luz
e o sol eu puder ver,
não irei sossegar.

Enquanto houver luz
e eu puder me expressar,
vou falar, gritar, gesticular.

Enquanto houver luz
e eu puder andar,
eu vou procurar
um simples canto na noite
onde eu possa descansar.

Bruno César dos Santos

VERDES GALINHAS AMARELAS

quando há
facínoras que só
fazem
revelar os
freios e fachos
que sufocam a vida

sempre haverá
fascínio de ofuscados
fiéis
que devotam
vontade e vigor
à volúpia-asfixia

porém

sempre também há de haver
força ativa

Caio Olivette Pompeu

JAULA E NÓS

inexatos quatro minutos e meio de silêncio bruto
pura exótica expectativa
nós
tosses passos ruídos
nós
silêncio e tudo
o que nele está contido
universo sonoro
não dito

imprecisas cinco páginas em branco luto
poder potência sempre
nós
ideia espaço vestígios
nós
verbos mudos atos
escassos de sentido
belo poemário
não escrito

Caio Olivette Pompeu

O QUE É AMOR?

Me questionaram
O que é o amor
Tal pergunta
Me causou grande pavor

Amor é um sentimento
Ou uma emoção latente?
Amor é um descontentamento
Ou um contentamento descontente?

Mais que achar, sentir
Mais que tesão, paixão
Mais que olhar, cuidar
Mais que gostar, amar

Camila Fratini Barbosa

AMOR QUE SE PÕE EM BRASA

Eu deveria ter entendido
Desde o princípio
Porque o mundo se fez mundo
Assim como meu coração rotaciona em círculos
Ciclos que não posso fechar
Feridas que me deixam abrir
Queria te trazer pro lado de cá
Mas tudo que você fez
Foi fugir

E quando o dia se fez noite
E a mata se pôs em brasa
Me pediu para que fosses embora
E não desse sequer mais uma palavra

"Distância, distância!" Era tudo o que eu ouvia
Mas não era o tempo que eu queria
O tempo já me tem demais
Eu queria que me quisesses
Como o ser humano em sua ganância embebe
Tudo aquilo que pretendeu um dia amar

Não se pode respeitar
Aquilo em que se há dor
O que esperar
De seres que destroem seu próprio lar
Sem o menor pudor?

Camila Giovanelli Sampaio Pádua

LEMBRANÇAS

Lembranças
De quando eu era apenas uma criança
De quando não entendia a maldade do mundo
De quando eu imaginava que era tudo prefeito.

De pensar que não existia maldade alguma
De imaginar o natal com a família reunida
De imaginar que ninguém um dia iria me deixar
Más tudo era apenas lembranças de uma
pequena garota cheia de imaginação.

Camila Vitória Barbosa de Sousa

PARAOPEBA

rio, vivo da vida
hoje, vivo da lama

chamam-me
rio de lama
chama apagada
depois da enxurrada

de jeito
desceu rejeito

levando vidas
deixando lágrimas
páginas soterradas
onde havia terra e mata
não há mais nada

odor de dor
é o que há

está dor
após a tempestade
não tem bonança
só o respiro do amor

Carlos Genésio de Oliveira Seixas

MEMÖRIA DO MAR

ouço o mar bravio
pavio brilhante
antes amor

desperto com seus acordes
acordo
e seguro
a sua voz

levo-me ao infinito
nas lâminas delgadas
singrando o líquido
de águas salgadas
sob o céu tropical

e meu corpo sereno
se ergue ereto
estátua firme
farol luzente
sobre o secreto
e imenso mar abissal

de longe
vislumbro o corte
na geleira azulada
e afago o corpo do mar

sinônimo de amar

Carlos Genésio De Oliveira Seixas

A PELE DO ABISMO

Ando sobre a pele de um abismo
como quem anda numa fina camada de gelo de um rio
vejo o perigo debaixo dos meus pés
Um cão raivoso ladra na margem direita
Um hipopótamo me espreita na margem esquerda
Atrás de mim um dromedário rumina
Na minha frente a esperança
me faz arriscar atravessar o medo
e tirar a cortina de pedra dos meus olhos.

Carlos Gildemar Pontes

BRINCAR DE TEMPO

Minha filha acha que o
dia demora muito

eu acho nada

minha filha estuda
brinca
brinca
brinca

eu quase nada

minha filha precisa me emprestar
a sobra dos seus dias

Carlos Gildemar Pontes

POEMA AOS ACOMODADOS

Relaxa, vai dar tudo errado,
Vai para a rede e te afunda
Pende a cabeça de lado
A escarradeira imunda
Espera teu escarro
Cospe a gosma do cigarro
Depois tosse, tosse muito,
Até que o diabo te carregue.

Carlos Gildemar Pontes

ATÉ QUE A VELHICE NOS APAGUE

O mundo incendeia lá fora
Mas eu sinto frio
sinto o frio no coração
O gelo da solidão
Essa solidão perversa
Que mata a nossa alegria
E finge que vai embora
Escondendo-se atrás da porta
Nos deixando mais mortos
Mortos em vida
Até que a velhice nos apague.

Carlos Gildemar Pontes

DE OSSOS E PARADOXOS

Quando os antigos e medievos
Ruminando séculos
Sentavam-se frente aos tinteiros
E sozinhos
Teciam versos sobre os papiros
Surdos às vozes
Das terras e mares longínquos
De que sabiam
E de que não ouviam
O mínimo rumor...

Quando erguiam
Da solidão dos mosteiros
No corpo das letras
As formas das iluminuras
E o desenho corria
Abrindo novos sentidos
E reaprendidos segredos
Da arte e dos ofícios...
Detinham sob as penas
Todo o tempo do mundo

Lá fora a peste
Nas paredes os ossos
Nos burgos o comércio
Nada feria seus ouvidos
E corrompia sua visão
Que arguta percorria
À luz das velas
A silhueta das letras
Que se construíam
Libertas da razão

continua

continuação

Hoje quando tento
Em esforço inútil
Sorver o alento
Das teclas digitais
E viver a paz
No solitário refúgio
E emudeço os vídeos
E ateio fogo aos sons
Insistentes e repetidos
Que em mim vibram...

As janelas se abrem
E as imagens voam
E se multiplicam
Vorazes
Sobre as crateras
Fósseis da civilização
E lágrimas vertem
Aglomeradas
Avessas ao sangue
Que ensopa o chão...

Lá fora a pandemia
Reina invicta
E dita a trilha
Réquiem macabro
Para o futuro
E dentro procuro
Um toco de vela
Que me revele
Um sonho leve
E das letras a luz

Carlos Versiani dos Anjos

POÉTICA

No amanhecer
filtro a poesia
no pó de café.

As palavras seguem
a mesma corrente
das sensações interiores,
desembocam no rio de um poema.

Poeticamente
reconstruo o mundo
com linhas tortas.

Carmo Antonio Ferminiano de Jesus

ENCANTADO

Sobe, sobe!
Sobe livre, sobe solto
sobe alto!

Gira, gira!
Gira leve, gira muito
Gira mundo!

As três meninas sobem alto, giram soltas!
O menino embaixo olha, olha muito!
Olha e sonha um sonho encantado!
Livre e solto com as três meninas!

Ele lembra a frase do poeta:
As três graças do Brasil tem a cor da formosura!

Carmo Antonio Ferminiano de Jesus

CIDADE

Linhas retas
modulando,
seguir, ser, pensar.

Minha sinuosidade
desavergonhada
insiste, resiste.

Nosso amor
contraditório
inconsciente,
luminar.

Calor solar”

Carmo Antonio Ferminiano de Jesus

HAICAI

A chapada queimou
Biomas agonizam
Jacaré seco

Carmo Antonio Ferminiano de Jesus

SUSPENSA

Me sinto desconectada
Meio fora de mim
Com a cabeça suspensa
Neste corpo sem fim

Meu corpo segue pesado
É difícil me encontrar
Submerso de passado
Pro futuro se achar

O futuro é incerto
O presente que se perde
O passado encoberto
Com a sombra que persegue

Essa sombra se esconde
Mas tem muito a revelar
Talvez seja como ponte
Instrumento para voar

Esse voo vem pra dentro
Suspensão que vem dizer
Como asa ao relento
Minha força para ser

Carolina Aguerre de Salles Penteado

NO OSSO DO PLEXO

No osso do plexo
No fundo da alma
Ânimo e Desânimo
Tentam não perder a calma

A voz não sabe se cala
Pois ela gosta de ser
Mas o gosto e o desgosto
Confundem o viver

Doloroso e profundo
De fora não se vê
Queima sem queimar
Arde sem arder

Buracos no peito
Encosta na sobra
Deitada sem leito
Perdido em sua obra

Carolina Aguerre de Salles Penteado

PAIXÃO

Eis que então surge um fogo
As vísceras começam a queimar
O coração se acelera
O estômago parece rodar

Uma troca de olhar
Sem controle da respiração
Parece sufocar
Sente-se perder o chão

Unhas roídas, ansiedade
Será que o outro vai querer
A incerteza que assusta
Esse medo de perder

É preciso arriscar
Pois o não você já tem
Se a pessoa se afastar
Talvez já tenha outro bem

Mas se ela também sente
E deseja se entregar
Surgirá uma semente
Para o amor plantar

Carolina Aguerre de Salles Penteado

CUMPLICIDADE

Quando menos se espera
Você encontra uma escuta
Um coração que está aberto
E fortalece sua luta

Ombro amigo, parceria
Alegria por seu ser
Aquele abraço, companhia
Te dá forças para viver

Seu problema não parece
Insignificante e sem sentido
Afinidade na estrada
No caminho percorrido

Um olhar sem julgamento
Uma fala de coração
Uma troca, uma ajuda
A palavra sem sermão

A palavra que não julga
Te ajuda a perceber
Que a vida vale a pena
Na essência de viver

Carolina Aguerre de Salles Penteado

DANÇAR A NÊNIA SINFONIA

dança sobre os ossos
veio como se a morte precisasse de aliado
mas não se trata disso
cumpre à risca seu ofício
entre outros a dançar
fremem como labaredas
sapateiam como estalidos
estão em descompasso com a música
uma Nênia Sinfonia
lírica no sentido estrito
do baixo ao soprano
todos gemem seus ais
mas os dançarinos estão surdos
valsam, assinam acordos, voam
bebem leite e leite condensado
dão glória a deus
pela alegria da dança ígnea
são tão animados que incendeiam
- stop! stop! ele gosta de falar inglês - death! dead! (dead é papai, né?!)
- pai, olha aqueles dali, eles não sabem se
divertir... vão estragar minha festa!
E o pai zeloso manda incendiar os culpados
- filhinho, eles vão dançar nem que seja na bala!
tiro ao alvo
ou ao ritmo da entranha, é estranha a dança da fome
e a do estertor, então?
estrebucha fei(t)o quem queima
em nome de deus
eles são esquisitos, mas vão dançar...

Carolina Rieger Massetti Schiavon

SONHO AMARELO

ter o deserto como propósito
e celebrar num churrasco
em meio ao enterro
do povo, que lhe dá asco
é títere quem se apraz?
assina a tábua,
assim assina!
ainda é tempo
e célere mata!
encabeça a onda antivacina!
é eficiente quem supera a meta
perseverante, quem não declina
trinta mil já ficaram lá atrás...
ainda é tempo de erigir seu sonho
seu medonho mundo amarelo
cor de ouro, cor de soja
sobre um solo encharcado em sangue
onde ensandecido range
desmascarado
seu riso amarelado.

Carolina Rieger Massetti Schiavon

EM CISÃO

e essa sombra que assedia
a cada lampejo
tenta anoitecer o dia
esmorecer o desejo
toldar o que eu vejo adiante
e a cada vontade, diz: "não!"
como um vulto a se mover parelho
ela avulta quando se aviva o sonho
e pesa sobre os joelhos
quando quero fazer estrada
sussurra que é melhor não fazer nada
que é melhor nada querer
diz que todo sonho inútil,
sempre, deve morrer:
"deixe o mundo aos homens de ação!"
mas os sonhos não morrem
ganham tons delirantes
enquanto a sombra sussurra
que silenciar também é verbo...
e abre imensa asa umbrosa
durante sua elegia, diz:
"não se iluda com a luz do dia!
esqueça a pena!
para que escrever?"
e a todo movimento, repete:
"não, poeta inútil, não!"
com sua boca de voragem
me embala até exaurir a coragem
contrariando o pássaro vermelho
que rufla as asas em meu peito
insufla em sangue e grita:
"silêncio eu não aceito!"

Carolina Rieger Massetti Schiavon

CIDADE MÁGICA E PURA

Poema dedicado à minha cidade

Cidade mágica e pura

Cidade mágica e pura
Toda trajada de luz
Tem a beleza de Cingapura
E um encantamento que me seduz.

Trazendo luz e amor
Com o seu imenso esplendor
Com a beleza de um beija-flor
Eis aqui um narrador.

Teu céu ilumina
Tua cultura nos ensina
Tua paz me alucina
Teu valor nos fascina.

Não há como negar
Aqui é o meu lugar
Sua grandeza e nobreza
Não canso de admirar.

Clara Mathias Campos

DESLIZE ATÉ DORMIR

quando a noite cai
ela gosta do chão molhado
de temporal que passou pela tarde
das folhas secas anunciando inverno
quando a noite cai
o frio que passa por sua boca
a deixa mais deslizante do que nunca
desliza boca
desliza corpo
desliza copos
deslize, meu amor, deslize
vá pelo vento
vá pelos sorrisos que saem sem querer
estenda seus dedos e vá pelo que está mais gelado
pelo dedo-de-moça-de-anjo
quando a noite cai
ela se transforma em cabaré,
em taças de vinho,
em batom escuro.
quando a noite cai,
deslize, meu amor, deslize
vá pelo vento
vá pelo vento
.....veeeeeento.

Débora Aoni

SCREEN LIPS

tudo de mim
é tudo para você
meus olhos
não aqueles que todo mundo vê
aqueles que só eu vejo
olhos de alma
meus lábios
lábios de palavras singelas
meu sorriso de bailarina
minhas mãos
não aquelas que todo mundo vê
mãos de fada, mãos de afago
meu corpo
meu coração
meus cabelos
minhas lágrimas
minha força
meus medos
minha coragem
não aquela que todo mundo vê
coragem rara, que ninguém tem
tudo de mim
é tudo para você
sou mulher de cinema.

Débora Aoni

INVERNO DE LILITH

navalha, inverno
época em que faz amor em arranha-céus
com fog de frio cobrindo seu céu-da-boca
car
nu
da
nua
inverno dos seu sonhos e pesadelos mais ousados
crua
chão de estrelas
alma embargada de vinho
veneno
paixãofriodedoer
gemer
inverno que sente a noite explodindo em desejos
erros
tesão do que não sabe ver, conhecer
imponderável
inverno de lilith
ah, essa safada
amada
pura
imaculada
não ouse tampar meu inverno de lilith
quando corro entre escadas de caracol,
respiro lua
e me derramo em suspiros
e gozo.

Débora Aoni

DERRETIA

sombra, fumaça, porão escuro.
“how soon is now” socando as caixas de som.
sua silhueta surgiu contra a luz do canhão de chão.
inferno na torre.
o caos se instaurou.
te vi e dancei como se fosse morrer.
você me contornou como se fosse me beber.
sombra, fumaça, porão escuro.
seus cabelos loiros de anjo.
senti quando me rodeou.
senti quando dançou em mim.
rebolei fingindo estar rezando. para machucar mesmo.
sombra, fumaça, porão escuro.
olhei com olhos de lince.
te deixei achar que me seduzia, quando, na verdade, quem seduzia era eu.
luzes piscantes, não via seu rosto.
eram minhas botas de couro e seus cabelos de anjo,
os dois, dançando em meio ao caos.
sombra, fumaça, porão escuro.
senti quando te lacei. senti demais.
descobri que existe música no inferno.
inverno.
te arrastei para meu mundo, que naquela noite
der
re
tia.
sombra, fumaça, porão escuro.
dancei para ti como puta e como mãe.
você? não mudava de ritmo. ritmo zumbi. hipnotizado.
fechei meus olhos quando te senti perto o suficiente para escutar seu coração - em meio à sombra, fumaça, porão escuro - bater muito forte:
ESTOU-PERDIDO. ESTOU-PERDIDO. ESTOU-PERDIDO.

Débora Aoni

OLGA

Às vezes um rosto vale mais do que milhares de palavras
Ah, Olga,
Como uma joia tão bela e delicada pode resistir à guerra?
A guerra é cruel e devastadora
Mas teus olhos cor de água, dão-me esperança

São os bons que morrem cedo,
Mas os que perduram na maldade,
D'us não terá piedade

Desirée Garção Puosso

UM AMOR INVENTADO

Uma história de amor que não existiu
Foi apenas na minha cabeça
Às vezes quando leio seu nome escrito no livro
Naquela dedicatória
Me pergunto se você era mesmo real
Ou se também foi fruto da minha imaginação
Assim como o nosso amor
Que não existiu
E que fora correspondido apenas dentro da minha mente
Que era alimentado pelo meu ego

Desirée Garção Puosso

MATER

Mãe, deusa da criação, aprendiz de Deus. Filho é herança deixada pelo Criador. Um filho é a memória da mãe na Terra.

Mãe é aquela que se aproxima mais de Deus porque também cria.

Muitos são os momentos felizes ao lado dela, pois estar com a mãe é estar na companhia de D´us.

Mas o dia mais feliz da minha vida foi quando nos conhecemos e eu descobri que Ela seria a minha mãe e o Dela quando descobriu que eu seria sua filha.

Eis o mistério da concepção.

Desirée Garção Puosso

VIDA PLENA E AMOR

Reunidos em amor fraterno e companheirismo

Sob as asas protetoras da Divina Mãe

Cientes de que o amor em si é o sangue que dá a
vida plena, e une todos os membros do corpo

Amar a todos como a si mesmo, conecta
todos os membros do corpo Divino

Desirée Garção Puosso

SILENCIOSA MENTE

Sons no vácuo
Seu silêncio

Letargia reativa à distância

Abalos sísmicos
Minha angústia

Domo cansada sonhos idealizados
Da fera cativa e faminta por realização

Prescindo das conversas fúteis
Risos bobos
Ilusões passageiras

Relembro o passado
Não acelera mais o ritmo do meu coração

Nenhuma borboleta no estômago
Nenhuma gota de desejos urgentes num gozo explosivo

Apenas lentas lembranças
Sem contorno
Dissipada pelo tempo

Não há pontos
Vírgulas
Apenas
...
Reticências

Edilaine Correa

Minha tábua é a escrita.
Minha voz, liberdade.
Meus pensamentos e sonhos, alteridade.
Das vírgulas aos pontos, alguns desencontros.
É por aqui que também viajo e me reencontro.

Edilaine Correa

SINAIS

proibida
conversão à esquerda
puxe empurre

fale com o motorista
apenas o indispensável
depilo sem dor

não bata a porta
apague a luz ao sair
papéis no cesto

empregados
devem lavar as mãos
facilite o troco

limpo seu nome
caço vazamentos
mantenha o silêncio

verifique se
o mesmo encontra-se
parado no andar

na dúvida
não ultrapasse
leio seu futuro

(Para o mestre Decio Pignatari)

Elcio Daniel Fonseca

É PRECISO FAZER UM POEMA

é preciso fazer um poema
para rachar rochas
para dizê-las
basta a prosa

é preciso um poema
para fundir um diamante
a ciência cuida
do que vai adiante

um poema é preciso
para se acreditar
e ir além
a metafísica acende
o que sobra do escuro

é preciso
um poema
para
iluminar
o futuro.

Elcio Daniel Fonseca

FIO

saltar do ar para o arame
facear o afamado infame

glosar a ganância vil
preservar o pau brasil

lavrar a lavoura arcaica
com versos de veia voltaica

resistir ao aplauso avindo
saber-se ser vil servindo

romper com o referendo
renascer ainda morrendo

ser poeta não é objetivo
ser poeta é objetar

e manter-se vivo

Elcio Daniel Fonseca

MULHER

Meus sonhos caíram sob o olhar de elefantes negros.
Submergiram, repousaram e do barro renasceram –
são agora pássaros profanos que entoam seu canto
pra mulher banida dos sonhos humanos.
A mulher sonha que é animal, feito de sangue, couro e sal.
Na mata, ela alia-se ao espírito ancestral,
entoando um hino maldito que convoca do ventre da mata
a serpente e seus anjos caídos.

Elieni Cristina da Silva Amorelli Caputo

SOMBRA

A sombra
é um ato
de silêncio
dissolvida
no tempo
apago a luz

retorna
quando a esqueço
pequena e deformada
como a angústia
se apaga
quando durmo
e desapareço

A cegueira desconhece
a sombra

Elieni Cristina da Silva Amorelli Caputo

DESTINO

Não escrevo carta
Nem diário.
É mudo
Sem moldura
Meu passo
Leve e bailarino.
Todo meu dia é de morte.
Como sombra volátil,
Meu passado.

Elieni Cristina da Silva Amorelli Caputo

CARRUAGEM

toda morte
reabre urnas
(já seladas)
envelopes
(nunca enviados)

ressoa estalo
(surdo)
jorra choro
(ressequido)

revive feridas
cicatrizes (nunca
estancadas)

toda morte
pesa em nossas costas
os corpos que
como formigas
carregamos

toda morte
traz a reboque
outro terrível
formidável
momento

A vida
carruagem
incessante

Fabiano Fernandes Garcez

JÚRI

Paradeiro
Paraseiro
Para a vista
Visita o hospedeiro

Para o caso
Para ser no acaso
E juras que não se envolveu
Diretamente com o trato

Distrato
No velho novo fato
Com hiato
Onde me assento

E conto meu estado
De drama, nervosismo
Pelo roteiro de circo
Onde me guardo do abismo

Digo com propriedade
O que me foi perguntado
Jurado com toda a verdade
Verdade que coloco à mesa
Vejo o que quero que veja

Olhe nos meus olhos e perceba
Com a verdade do meu depoimento
Sem desdobramento
De todo o meu deslocamento

Que une
Não sou imune

continua

continuação

No meu coração
Que bate forte
E saio pessoalmente com norte

Deste que bate
Extremamente forte
Que dá milhares
Que rouba detalhes

Culpado serei
Com como mostrarei
Com as armas que terei
E assim me manterei

Inocente seria
Se mais que neste dia
O sol que brilharia
E tudo isso aconteceria

Pois a minha confiança seria em ti
No trabalho que seja por mim
Para que nessa sentença não interessa o fim
Por que e para que não seria assim?

Mas na minha sentença
Seria para ti
A causa de ser por mim
Querer ser toda para mim

Mas como disse
Não sou imune
E o meu coração
Muito menos desse júri

Fabricio Felix da Costa

JUST WORDS

Sabe, eu te ouço falar
De um amor que desconheço em ti.
Just words.
Palavras que se desmancham
Como o antiácido
Que tomei hj.
Palavras que não sobrevivem
Ao menor sinal de angústia.
Aprendi a te ler.
Verdade que eu era mais feliz
Quando analfabeta em você.
Sorria
Imaginava
Não cabia em mim.
E o meu erro foi te projetar.
Agora eu te vejo assim,
Tão frágil, e te entendo.
Você não ama porque não quer,
Mas porque não sabe amar.

Flavia de Oliveira Marques

O TAMANHO DA MINHA IGNORÂNCIA

Ignoro muitas coisas:
Um poeta em Uganda,
um assassino há quinze metros,
a dor de passar fome,
o que é perder tudo,
o dinheiro sobrando,
um riacho na Austrália,
a paixão que não acaba,
o calor do Saara,
quantos sóis tem na galáxia
que ainda não foi descoberta.
Há coisas que ignoro,
inclusive, para imaginar
que existam;
mas o que não ignoro
(e que até gostaria),
é o quanto a humanidade
pode se empenhar em
desmerecer esse nome.

Flavia de Oliveira Marques

RETRATO

Sou folha
que o vento dispersa,
sou persa
em meio à batalha,
sou falha
em terreno escarpado,
bailado
na última dança.
Sou lança
pontiaguda;
Ajuda,
na hora do aperto.
Deserto
sem fim nem começo,
se esqueço
de ler o Neruda.
Sou muda
que vinga na terra,
que berra
por direito à vida.
Sou lida
no sol e na chuva,
a curva
que a estrada conserva.
Sou serva
Que não se contenta,
e tenta
dar molde à palavra;
sou lava
que o chão arrebenta;
a escrava
que o verso liberta:
quieta,
é quando declaro;
se falo,
se esconde a poeta.

Flavia de Oliveira Marques

VOCÊ SABE TAMBÉM

Se eu dissesse
Que está difícil tudo isso
Você acreditaria?
Mas é suportável
Pensar em você
Sentir saudades dos momentos
Isso tudo é suportável
Mas só não quero que pense que foi fácil
Tomar essa decisão
Por que apesar de eu parecer tão forte
Eu ainda estou me reconstruindo por dentro
E foi a decisão mais difícil da minha vida
Por que eu abri mão de você
Por mim mesma
E isso não foi um erro
Foi uma escolha
Por mais dolorida que seja
Foi necessário
e no fundo você sabe também.

Giselly Andressa de Jesus Rocha

LIGAÇÃO DE AVÓ

Hoje a minha avó me ligou
E como de costume perguntou de você
Perguntou se a gente ainda estava firme como casal

E como de costume eu tive que mentir
MAS a verdade é que...
Não vó, a gente não está mais junto
E o motivo é tão louco
Por que a tempos atrás estávamos falando em casar
E olha só para nós agora
Mal temos coragem de perguntar
Como anda a vida um do outro sem o ``nós``

É Vó, a sua neta não está tão bem
Mas ela não queria te contar
Para não causar algum tipo de preocupação

Vó, eu estou mais livre agora
Talvez fossem as mentiras dele que as me prendiam
E depois que todas elas foram jogadas para o alto
Tudo soa leve agora

Bom, ele não deu conta da mulher maravilhosa que eu sou
Mas tudo bem né?
Eu sou incrível demais

Minha neta ,você é incrível demais.

Giselly Andressa de Jesus Rocha

ÁLCOOL

Eu me embriaguei achando que podia te esquecer
Mas poxa, nem para beber eu presto
Depois de altas doses de álcool
Ainda me vi pensando em você
E é tão louco isso..
Eu quase me matei
Mas nada me doía mais
Que um fim de um relacionamento
Mas ai me perguntaram
Como que era beber pensando em alguém?
Mas a pergunta é
Como se bebe e ainda se lembra?
Por que que até bêbada eu tenho que ser intensa?

Giselly Andressa de Jesus Rocha

POR FIM

Todos os meus sorrisos
Foram verdadeiros e sinceros
Pena que você não percebeu
E por fim depois escapar a sua bela amada
Dentro dos seus sonhos
Você ainda a vê
Mas ao mesmo tempo em que a vê
Não a reconhece
Por que de tal forma
Deixou escapar o seu diamante
O sol do seu dia se foi
E só restaram saudades
Do que já foi vivido
Mas que por fim
Foi terminado.

Giselly Andressa de Jesus Rocha

PEQUENA CRIANÇA

Oi, Pequena criança
Queria lhe-dizer
O qual estou orgulhosa
De quem tu tens se tornado
Você é tão linda e meiga
As vezes desconfiada
Mas continua firme
Te vi aprender a andar
E até falar
Admiro sua trajetória até aqui
Queria te dizer
Para não ficar com medo
Pois é apavorante ser forte
Você foi ótima
A idade não te fez bem
Como eu imaginei
Mas iluminou seus olhos
Diante das coisas
A criança que tu eras
Te tornou quem tu és hoje
Não abra mão dela por nada nesse mundo
Mostre que ela ainda está ai
E se ela estiver escondida
LIBERTE-A e veras o poder que tu tens!.

Giselly Andressa de Jesus Rocha

TENTATIVA E ERRO

Nessa tentativa de autorretrato
-passo por passo-
Às vezes me descrevo como coisa
Às vezes me escrevo como outra.

Amassando palavras
e me moldando como argila,
Às vezes me vejo como memórias
fechando os olhos
na busca por algo sobre mim
nesse amontoado de sentidos vazios.

À beira do imaginário
o meu cotidiano
é feito do mesmo fardo que o teu:
cheio de partituras e literatura,
recheado de sonhos e sofrimento
compartilhando das mesmas mãos calejadas.

O véu do subconsciente
que nos separa,
flutua por entre imensidões
engaiolado pela nossa
própria solidão
nessa tentativa, de fazer um autorretrato.

Graziela Martins Oliveira

HOMENAGENS

Eu queria te mandar muitas mensagens
Mas muito medo de me emocionar
Mesmo com vontade de umas massagens

Acho que no fim não vou te chamar
Porque vai que ve todas as homenagens
Como vou conseguir te explicar?

E como você já ta aqui comigo afinal?
Andando inquieta no meu pensamento
Pra mim essa cena eh fenomenal

Fico sem saber o que é este sentimento
Fico sem saber se ele é bom ou mal
Única coisa que sei, é o melhor momento

Heitor de Oliveira Alves

PULSÕES

A pulsão de morte não para de gritar
Grita mas aglomerações da pandemia
Ou até numa simples ida a academia
E talvez seja impossível faze-la calar
Mas ela sempre esteve presente
Desde a falta de cuidados pessoais
Quanto em expressões de ódios plurais
Evidente na eleição do tal presidente
Onde está a pulsão de vida nessa hora?
Ela deve disfarçada, de role pela cidade
Por exemplo nas redes de caridade
Pode ser por um sinal claro de melhora?
Elas só estão por ai, neles e em mim
Eu não sei mais qual delas é reação
Nem qual deu origem por uma ação
Talvez o fim seja o começo e o começo o fim

Heitor de Oliveira Alves

SONETO ANTI-PAIXÕES

Do fogo abrasador que te consome,
não penses que ele é eterno – puro engano.
Pois a paixão é fluida: nem um ano,
e ela assumirá um outro nome.

A dor e o desespero que te afligem
terão ao pôr-do-sol se dissipado.
Desejos se dissolvem num enfado;
e noutro, não serão mais que fuligem.

É inútil perturbar a própria alma
com promessas que lançam no vazio
os sonhos de um poeta apaixonado.

No amor, é salutar tomar cuidado
até que o coração esteja frio:
aquiete, ó meu amigo; tudo acalma.

Henrique Vitorino Moura Valle

O BARDO E A LUA

Um bardo, que em delírio alucinava
e estava de sua amada à grave lousa,
jurou de pés bem juntos, com voz cava:
quisera ter a Lua por esposa.

Da Morte, o aguilhão não temeria;
da Vida, deixaria o peso e o fardo.
O louco suspirava à Lua fria,
e ela iluminava o pobre bardo.

Na tumba, surge um grito que o crispou.
A amada, já feroz e em alarido,
planeja à luz da Lua o fatal dolo.

O bardo, fulminado, cai ao solo
por gosto de uma seta de Cupido:
o amor da amada morta que o matou.

Henrique Vitorino Moura Valle

A ROSA CELESTE

(Ao tio Nelson, em visita póstuma)

Levei a rosa branca em tua tumba,
no entanto, não a viste nem provaste
desse olor que o meu peito já perfuma
e alivia a saudade que deixaste.

Fiquei em solidão no campo santo:
a dor, a flor e eu, na eterna espera.
Cantei-te mil poemas de acalanto...
Nada sentes, estás em outra esfera.

Nem precisa, meu tio, me agradecer,
muito menos me dar alguma prova
de que o amor sobrevive por inteiro.

Nenhum milagre é tão verdadeiro
quanto a rosa branca em tua cova,
pois nela tu pudeste florescer.

[Contribuição de Antonio Thadeu Wojciechowski]

Henrique Vitorino Moura Valle

A VELHICE

[Inspirado no poema "La vieillesse",
de Pierre de Ronsard (1524-1585)]

Quando eu ficar caduco e ver a luz
da vela, surgirão no pensamento
saudades juvenis dos velhos tempos
e dos amores que cantei por jus.

Pois terei o corpo fraco por dançar,
beber, amar, viver enquanto pude.
Lembrarei do frescor da juventude
vivida como em versos de Ronsard.

Ao fim, o corpo morto e sepultado
perderá o tal vigor: viril beleza
que o tempo fez questão de destruir.

Por isso que te digo, caro amado:
enquanto não chegar senil tristeza,
não perca suas chances de fruir.

Henrique Vitorino Moura Valle

AINDA HÁ ESPERANÇA?

Será mesmo que há esperança?
Porque o mundo sangra
E na música da sociedade
O respeito não entra no ritmo,
Mas a injustiça canta.

Será mesmo que há esperança?
O preconceito correndo solto,
Mas é a gente que se cansa.
A violência, a matança, a fome,
a estupidez, ganância...

Esperança é algo que não se vê
Porém a gente tem que ter.
Embora o meu coração sangre
Todos os dias...
Eu termino perguntando a você:
Ainda há esperança?

Ilanna Reis

RENOVAÇÃO

No mundo que nada se perde, cada coisa se renova,
juntamente com essas coisas tem a Grande Misericórdia.

Quero lembrar nossos irmãos que há tempos sofreram,
arrancados de Luanda, muitos querendo chegar a Aruanda.

A cada manhã que se renova, menos um ou
mais que compõem a nossa vida.
Que nos salva um pouco a cada dia.

Sei não, só Deus sabe.
Cabe a mim somente agradecer por tanta fidelidade.
Gratidão total, essa é a minha verdade.

Tem muita gente mau intecionada, irmão. Abaixa sua viseira.
Nessa terra de reis,
só nos cabe a cegueira.

Esse mundão está perdido, exala ódio e ganância.
Mas eu trago à memória
apenas o que me traz esperança.

Nova oportunidade pra que a mente se expanda.
Seguindo passos de Jesus, a Graça que nos levanta.
Paz do Grande no coração, que o amor seja nosso mantra.

Que tu entendas a minha linguagem, como diz o mano
Rasta: Yehovah-Nissi! Retornaremos a nossa mãe África.

Enquanto isso, desejo mais amor a mim e a
todos que me cercam, o papo sério!
Obrigada por tudo e todos, e, sobretudo,
Gratidão ao Eterno!

Ilanna Reis (nega Reis)

BEM VINDA PRIMAVERA!

"Depois de tantos frios,
Do céu chorar rios,
Do irmão vento arrancar folhas,
E fazer tapetes,
Foi seu tempo,
Inverno de sentimentos.

Os coloridos que reflorescem,
Anunciam a vida que resiste e insiste,
Em dizer que mais forte somos,
Nosso grito pela vida,
Para eles é incômodo,

Bem vinda primavera,
Traga toda pulsão de vida,
Que nosso coração espera,
E o orvalho matinal,
Nos acalente,
Na dor da vida triunfal"

Iranildo da Silva Marques

ocupa parte muita do pensar
essa volta que a gente faz
pra se conhecer
um velho disse que
essa volta vem de atrás
essa volta é de longe

no silêncio das pedras
no adoecer das árvores
na aflição das crianças
na decomposição dos corpos

ocupa parte muita do sentir
essa volta que a gente faz
pra se conhecer
um velho disse
que essa volta vem de lá
essa volta é defronte

reencontrar zumbi
e dançar
a luta infinita

Isabel Fernandes

na água que se desprende das árvores e da grama molhada da noite
no som do sol
na ventania
a evaporação da infância

inundo de ar quente e úmido
as minhas pálpebras fechadas
onde sibilam as vozes
de quem fui

minha alma corcunda só vê
agora
as folhas no chão

Isabel Fernandes

NECROLÓGIO

o poeta está morto
não leio no jornal
não vejo nas redes
acordo sabendo que
o poeta está morto
na menina dos olhos
na baça retina
no álcool que evapora
das mãos inúteis
o poeta vai sempre moço
morto morto morto
e nesse mormaço
que o tempo congela
torto como touro ferido
a alma o eleva renascido

Itajai Oliveira de Albuquerque

EPIFANIA

O trigo disputa com o sol
o dourado do horizonte
o vento seco faz-lhe a dança
como as ondas agitam o mar
essa vista cansa da eloquência
que trigueiro domina o olhar
as máquinas que o navegam
autômatos ilimitados de metal
engolem céleres as espigas
e vendem homens
na Bolsa de Londres

Itajai Oliveira de Albuquerque

O MURO

é Tânatos alegre
a cores na teve
não é mentira
que ele te veja
pelos olhos teus
sem inocência

Tu o sabes
sem a leveza
das aves

vem de leste
vem d'oeste
desce e sobe
de Norte a Sul
a mal que vem
matamouros
ergue muros

Tu o sabes
sem a clemência
dos peixes

sombra meridiana
de veridiana
consistência
que subsiste
obscura e inferior
da alma à tez

Tu o sabes
com teus pés
de lagarto

Itajai Oliveira de Albuquerque

A LUTA É A DANÇA

Kerouac
foi Macunaíma
no peito
de Wall Street

na city
Mano
não ceda

que estreito
é o caminho

a gente lança
a gente corre
a gente dança
não morre a luta

Itajai Oliveira de Albuquerque

VIDA PROJETO

A vida é projeto!
Projeto é lançar-se
Lançar-se é arriscar-se
Correr riscos é parte do lutar!

Desbravar a existência
Consolidar a resistência
Ah! Existência e resiliência
Acostumar-se ou não eis a persistência.

Desistir é deixar de partir
Construir é começar a seguir
Seguir é ouvir e caminhar
Caminhar é construir a Vida Projeto!

Projeto de si, do outr@, do nós
Nós de relações somos frutos
Uns dos outr@s, bem ou não
Dar as mãos é cooperação.

Projeto de vida é comunhão
Solução coletiva
Ativa e não reativa, a vida
Viva, viva, vida projeto...

Jerry Chacon

"ATÉ O ANO QUE VEM. SE EU MORRER, OUTRO VEM NO MEU LUGAR"

Era para ser uma instalação comum do gás de cozinha,
num sábado comum e com pessoas comuns.
Era colocar o novo gás e seguir a vida, entretanto algo foi para
além disso, pois o entregador e instalador do gás, nos gestos
habituais de seu ofício, dialogava comigo quando eu disse:
- Nossa como o valor do gás aumentou.
Ele, então, responde:
- Mas o meu salário continua o mesmo a mais de três anos!
Primeira lição de economia e realismo. Talvez ele tenha
me dito, ainda bem que você pode pagar por esse gás, pois
muitos não poderiam. Ou ele tenha querido simplesmente
me alertar para cuidar dos meus gastos, não sei.
A conversa segue, ele instala o gás, mas percebe um vazamento, logo vem
aquele cheiro que não é do gás, mas falamos que é. Eu me assusto e digo:
- Muito estranho, o equipamento é novo.
Sem me questionar ele afirma:
- Sim, mas a borracha está gasta.
Eu logo, desconfio, pois ele nem havia olhado a
borracha. Ele tira a borracha e me diz:
- Gasta e torta.
Segunda lição. Mais uma vez a sabedoria da prática vai além
das conjecturas que eu havia articulado. Sem falar nada ele
troca a borracha e faz a instalação e nada de vazamento.
Agora sim, gás novo para preparar as refeições.
Chegou a hora de pagar, eu mais uma vez faço
um papel de bobo e pergunto:
- Tem maquininha?
A resposta é óbvia para uma pergunta que pareceu desnecessária:
- Sim! 60% das compras são pagas via maquininhas atualmente.
Terceira lição: estatística e forma de pagamento.
Pagamento feito, tudo resolvido e a frase fatídica
do pensador de um sábado comum:
- Até o ano que vem. Se eu morrer, outro vem no meu lugar

Jerry Chacon

SINGELA HOMENAGEM A PEDRO CASALDÁLIGA (1928-2020), PROFETA, SANTO E POETA!!!

Voltando à Terra que ele tanto amou e defendeu!!!
Como Profeta, Santo e Poeta!!!
Pedro é pedra firme em Cristo Libertador
Assumiu a dor do Povo de Deus.

Deus que escuta o clamor dos que sofrem
Envia-nos poetas-profetas, dom de amor
Labor pelo Reino de Deus, vida doada
Partihada, eucaristizada, vida pão para o irmão.

Dom que é Pedro não nos deixa
Não se queixa, acolhe-o o Pai-Mãe da Vida
O Filho, mártir que nos trouxe a vida plena
O Espírito Santo que sopra onde quer...

Abraçam, nosso querido Pedro
Os mártires e as mártires da caminhada
Nos abraça Pedro, nos espera...
Esperamos juntos na esperança da Terra Sem Males

Dom Pedro Casaldáliga, Santo da Caminhada
do Povo, rogai por nós!

Jerry Chacon

OHAYO

Ohayo !!
Disse o menino dos olhos puxados.
Suas atitudes eram admiráveis
Sua voz me encantou,
Seu sorriso sincero me alegrou.

Ohayo !!
Disse o menino dos olhos puxados.
Seu sorriso me alegrava toda manhã,
Seu livro de poesias me inspiraram
Sua paixão pela poesia me encantou.

Ohayo !!
Eu esperava que o menino dos olhos puxados me dissesse.
Aonde ele foi ? Por que não me avisou.
O menino dos olhos puxados me deixou.

Jhennifer Cândido

O DETENTOR DE PALAVRAS

O detentor de palavras
Parece um colecionador
Cada palavra que acha
Mostra mais o seu valor
Palavras e palavras.

O detentor de palavras
faz parte do dicionário
não dá no peito nem nos braços
só em um dicionário
palavras e palavras

O detentor de palavras
cada coisa que as palavras tem
entre antítese e denotação
prefiro a preposição
porque ela liga tudo
palavras e palavras...

O detentor de palavras
parece um anjo
vai acumulando palavras
até se transformar em arcanjo
palavras e palavras...

Jhennifer Cândido

EU JÁ QUIS

Eu já quis me esconder,
Quis que ninguém me visse,
Quis amar loucamente,
Quis que o meu eu não existisse!
Quis ser uma fantasia,
Um capricho do universo,
Uma boba alegria,
De um réu confesso!
Quis ser amada,
Desejada com alento,
Querida na mesa de um almoço
Um genuíno contento,
Quis ser refrigério,
Desejo oculto da alma,
De jovem apaixonado,
Que escreve e não fala,
Quis ser uma canção,
Melodia de ninar,
Pagode na feira de frutas
Jeito suave de cantarolar,
Quis ser a mocinha do filme.
A filha amada da novela,
Quis ser branca de neve,
Usar o sapatinho da Cinderela,
Quis ser chuva no deserto,
Quis ser paixão esquecida,
Quis ser amor proibido,
Do amor de uma grande amiga,
Quis se alguém no palco,
Quis ser alguém no oculto,
Quis ser o silencio da voz
De um belo jovem louco,
Quis ser poesia,
No declamar de um poeta,
Quis ser andarilha na vida,
Que nunca se aquieta.

continua

continuação

Quis ser chuva de verão,
Quis ser sol escaldante
Quis ser um coração,
De lembranças aterrorizantes,
Quis ser rica é temida,
Dona de muitas heranças
Quis ser pobre e linda.
Cheia de esperanças,
Quis ser mulher branca,
Quis ser negra de tranças,
Quis ser donzela amada,
A inocência de uma criança.
Quis ser dançarina de boteco,
Quis ser top da balada,
Parceira, que se quer por perto!
Convidada lembra,
A alegria da festa,
Avó de muitos netos.
Beata confessa.
O infinito do universo.
Quis ser noiva apaixonada,
Temente, cristã.
O arrastar da lagarta,
O sol da manhã.
Quis ser coroa de ouro,
Moleca palhaça,
Quis ser tudo no mundo,
Outra, quis ser nada,
Quis ser o querer de alguém,
O sonhar na madrugada,
Quis ser o chamado “meu”,
De todas as coisas que quis,
Só não quis ser eu.

Jociane Xavier Dos Santos

NACIONAL JORNAL

O caminhão do frigorífico
parou nos fundos do
hospital. Uns mortos
cedem lugar a outros mortos.

Uns mortos, aqueles,
passaram por nossa
geladeira, panelas e
acabaram fumegando em
nossa mesa.

Têm sorte os outros: agora
repousam no caminhão frigorífico,
à espera de caixão e condução
até o destino de onde vieram.
Não estão, como esses daqui,
esquecidos em salas vazias,
fedendo ao ar livre
ou jogados sobre macas,
vizinhos de quem suspira sua hora.

Mal embalados (esses daqui)
nos lúgubres sacos plásticos cinzentos,
pés pra fora, pingam suas
excrescências, seu criatório
de infecção.

(No céu, rondam urubus)

Jorge Claudio Ribeiro

NEM TUDO SERÁ TÃO SIMPLES

Nem tudo será tão simples.

Uma borboleta não fica pronta em
Apenas meia hora dentro de um casulo.
Ela sabe disso.

O céu não ficará mais claro se o girassol persistir em ansiar pela luz.
Ele sabe disso.

Assistir a animação de Coraline acompanhado pela primeira
vez ou sozinho pela décima quarta não é mesma coisa.
Eu não sabia disso.

Cachorros conseguem amar independente da raça. Sabia disso?

Seu tempo não irá voltar se você usá-lo para se preocupar
com quem seu vizinho recebe em casa em plena 14:00hs.
Saiba disso.

Você não será mais intelectual se ofender quem
se simpatiza com funk. Sabia disso?

Ninguém é menos amado se tiver poucas
notificações. Não souberam disso.

Sua calçada não ficará mais limpa se você se propor a realizar
uma lavagem em pleno temporal. Mas será engraçado.

José Augusto Gusmão de Almeida

IMPACIENTE

Enquanto uns anseiam por por amor,
Outros precisam vitaminas.

Se nem todas as nuvens obedecem suas preces,
Por qual motivo seus
desejos
Seriam atendidos de imediato?

Seria o meu coração uma bola de linho
E ela as garras de um gato?

Eu fico indeciso se não te procuro
Se te procuro nem sempre disponho
De palavras certas.
Por que usar palavras se teus gestos são ma
is ricos e sempre verdadeiros?

A solidão que me ofereceu o amor pela liberdade é
mesma que me afasta da relevância da caridade.

Seus olhos combinam com teus lábios, tuas maçãs combinam com seus cabelos, mas minha expectativa nem sempre combina com tua atenção.

Sou tão eficiente em desapego que não há flor
que não me faça lembrar de tuas maçãs.

É você. Ultimamente tem sido você.
Eu faço questão que continue sendo a razão
dos meus sorrisos espontâneos.

Eu não sou impaciente. São as endorfinas que
Ainda continuam a ser produzidas.
Você é linda. Você sabe disso. Beijo.

José Augusto Gusmão de Almeida

EU NÃO POSSO RECLAMAR DO SEU FEMINISMO

Eu não posso te reclamar por falar demais porque você
não reclamou da minha cintura que era extremamente
dura e atrapalhava a minha limitada capacidade para dançar.

Eu não posso reclamar do seu batom vermelho
porque eu amava aquela cor e
você não reclamou do meu jeito bruto, dos passeios
que fui com a camisa do meu time, do meu começo de calvície.

Eu não podia reclamar do seus ciúmes porque era eu que tinha
medo de te perder e escondia todo medo que tinha.

Eu não posso dizer que te odeio porque na verdade as coisas que
eu odeio eu adoro odiar e o que eu odeio na verdade é não
ter como amar o que eu amei.

Tudo aquilo existiu.

Amar e ver aquele batom vermelho.
Amar e ver o vestido que cobre a perna e
deixa livres os seios.
Amar e provar os mesmo tipos de sorvete.
Amar e ver os mesmos filmes, porém num colchão
qualquer.

O batom eu vejo em outras bocas,
o vestido eu tiro de outros corpos,
os sorvetes eu tomo em outras praças,
os filmes eu revejo e faço um café.
Você eu finjo que esqueço e outras pessoas acreditam.

José Augusto Gusmão de Almeida

VASCULHAR

Vasculhar no poema
O que não foi dito
O sentimento não escrito
O amor não revelado
Os cacos de vidro da vidraça sonhada

Vasculhar no poema
As farturas de nadas
Colhidas antes e depois da hora
As estradas percorridas a força
As feridas de dentro
As máscaras de fora

Vasculhar no poema
Os desejos impublicáveis
As tardes tristes,
As manhãs sem sol
As noites sem luar

Vasculhar, vasculhar
Vasculhar no poema
O olhar perdido
O sorriso falso
Do palhaço sem graça
O número da casa sem numero
O endereço de sabe-se quem lá

Vasculhar no poema o que nele
Não está a vista a olho nu.

José Carlos Galdino da Silva Galdino

HOJE

Hoje

Eu hoje joguei coisas fora
E já não sinto falta,
Sinto a leveza do desapego
E um caminhar sem medo.

eu sou meu palhaço.
disfarço minha dor
com poesia
enquanto por dentro sangro
todo dia...

José Carlos Galdino da Silva Galdino

DOMINGO

Domingo é uma valsa triste
Uma quarta Feira de cinzas
Um dia fora do calendário

Um relógio sem ponteiros
Um bar sem clientes
Um banco de praça em dia chuva

Domingo é um orelhão
Uma caixa de correio na era da internet
Um astronauta
Um idoso em dia visita
Uma fita k7
Um retrato na parede

José Carlos Galdino da Silva Galdino

JOSÉ SOZINHO

No dia em que morreu
por amor,
logo após o enterro,
foi pro meio da rua e tomou um porre de solidão.

José Carlos Galdino da Silva Galdino

SOU MENTE (ME CONVENCE)

Te convence
És corpo
Só corpo
Apenas corpo

calça
camisa
sapato
Cobrem teu corpo

És corpo
Apenas corpo
cabeça
tronco
membros

Sou corpo
Sem metade
Oposta
Sem vontade
Sem resposta

continua

continuação

És corpo
Parado
Que anda
Para lá
Para cá

Escreve
Se escreve
És mente
Pense!

Se penso
Sou mente
Se minto
Nem corpo sou
Não mente

Me convence

José Eduardo Rendeiro

POEMA DA MÁQUINA

brincar, fuzilar e reluzir
brincar, editar e imprimir
psicrómetro p'ra novos higrómetros
os proletários no indivíduo

Jose Luiz Goldfarb

SER...TÃO

Ser tão carente
Ser tão sedento
Ser tão distante
Ser tão lamento

Ser tão folclórico
Ser tão cantado
Ser tão poético
Ser tão amado

Ser tão político
Ser tão mutante
Ser tão ilícito
Ser tão errante

Ser tão paixão
Ser tão celeste
Ser tão sertão
Ser tão Nordeste

José Sebastião de Sá

AO CAIR DA TARDE...

Na tarde fria de primavera com jeito de outono,
sinto a nostalgia dos dias cinzentos.
Evocações de tempos distantes ondulam
em meus oceânicos pensamentos.
Mares revoltos se agigantam e explodem
em gigantescas ondas, alcançando galáxias,
espalhando miríades, logo transformadas em imagens,
sons, odores, perfumes, campos floridos,
estradas, riachos, praias.
Em cada lembrança, lindas ninfas,
sedutoras sereias, ingênuas fadas,
tentadoras lolitas, poderosas guerreiras,
heroínas de ontem, hoje e sempre.
Doces recordações.
Divago. Viajo.
Confesso que viveria tudo outra vez,
com muito, muito prazer.

Juares de Marcos Jardim

MINHAS LINHAS, MEUS TRAÇOS

Minhas linhas, eu faço
meandros, caminhos,
apago, refaço, afago
estradas e trilhas
alinho desalinhos
percorro, não corro, fio desfiando.

Montanha, praia, mar
ao vento levando
sonhos, fantasias
voos alçando
sorrindo, brisando
tropeço, caio, me apoio
levanto, reinvento.

Prazeres renovo
nas fontes bebo
na emoção recarrego
aos abraços me entrego
Aos beijos me esfrego
Avanço, invado, me esbaldo
Exalo.

Juares de Marcos Jardim

NA POEIRA

Sob a poeira do tempo, jaz imóvel tudo que outrora reluzia, imponente. Lembranças esparsas ao vento, epopeias submersas na lama do esquecimento. Quantas batalhas, derrotas e vitórias, espargidas ao vento. Agora, sozinho no obrigatório isolamento social e familiar, meu lamento é por tudo que deixei de fazer. Imperdoável adiamento. A locomotiva ficará imóvel, os vagões permanecerão estacionados, mas os trilhos continuarão por muitas décadas.

Juares de Marcos Jardim

DEGUSTANDO

Juares de Marcos Jardim
Vesti tuas palavras
teus versos bebi
saboreei as rimas
tua áurea inspirei
volteei tua alma
teu universo naveguei.

Voei entre coloridas nuvens
ao vento divaguei.
Mergulhei fundo
estrelas do mar alcancei
aflorei às ondas
na correnteza boiei
suave mareei.

Nas areias, me larguei
embevecido, suspirei
Descarreguei...

Juares de Marcos Jardim

FUTURO

Querida, Júlia!
Espero que estejas bem
Os dias passaram
E você cresceu
"Não há realidades eternas
Tudo evolui."

O mundo mudou
E você, também?
As viagens que você curtia
As músicas que ouvia
Os amigos que conversava
E as séries que assistia?

A pessoa ingênua que era
A timidez que te abatia
A insegurança que te segurava
Hoje, estão vivas?

Que a bondade desejada
Te persiga por todos os dias
E a felicidade almejada
Impregne sua vida.

Júlia Ribeiro Faraleski

ARCTURO

Vago ao acaso, sem destino certo,
Minha vida nas austeras mãos da Sorte,
Mas não temo as tempestades do deserto:
Minha bússola é a estrela ao Norte.

Seu brilho intenso é seu legado,
Sua constelação, meu caminho constante.
Fielmente a sigo no céu estrelado,
Irredutivelmente distante.

E segue sendo apenas contemplada:
Zeus fez do meu amor estrela, e, assim,
Fadado à distância e ao nada.

Mas ainda que nos separe a alvorada,
Aquele astro ao norte, p'ra mim,
Terá sempre o nome da minha amada.

Juliane Mantovani Novello

DARLING

Meus pés, meus passos
Procuram seus rastros
Encontram seus traços
Morrem em seus braços

Se sou em pedaços
vários são você
Em todos meus faços
há tanto de você

Minhas mãos tateiam
Procuram seus braços
Encontram seus rastros
Morrem em seus traços

Se é em pedaços
e vários são eu
Se sou em seus faços
seu amor é meu?

Sussurros e sorrisos
Procuram-se em traços
Encontram-se em braços
Inteiros, sem rastros

morrem enlaçados
Sempre demorados
Nunca tão cansados
dormem abraçados

Karen Lemes Soares Santos

NUMA CASCA DE NOZ

És infinda água marinha
Sondas, ondas, não definha
E nós? Que somos? Somos quê?
Nunca praia, talvez rodo
Talvez papel, nunca estorvo

Karen Lemes Soares Santos

ONIPRESENÇA

Repentina ou premeditada
Por vezes, ansiosamente aguardada
Onipresente
Na partida e na chegada

Em instantes de euforia
Naqueles de tristeza em demasia
Onipresente
Na alegria e na agonia

Não há volta, nem permite evasão
Traz à vida existencial razão
Onipresente
No doente e no são

Cega, surda, muda, aos leigos
imaterial
Traz medo e sentido
É essencial

Onipresente
Seja pela reflexão da pena
Ou pelo encerrar do punhal

Karen Lemes Soares Santos

ATO REVOLUCIONÁRIO

Tempos sombrios atacam sonhos
Sonhar se torna um privilégio
Destinado a uma parcela ínfima
Sentimento devastador causador de repulsa
Coração pulsa pelas conquistas alcançadas.

A direção política impõe sua mão pesada
Destruidora de vidas e violadora de direitos
Trazem a lembrança de um tempo duro
Que matou, dilacerou e arrebatou todos pelo caminho.

A luta se torna urgente e inevitável
Para que o passado de chumbo
Causador de sofrimento pungente
Jamais seja esquecido ou anulado.

As ruas, becos e praças ganham vidas pulsantes.
Com sonhos, fundamentos e desejos.
Que a balbúrdia está no congresso
Nas mãos dos violadores e agressores
Da vida que se põe em movimento.

A poesia se torna a manifestação de um ato subversivo
A luta por direitos e garantia de vida um ato de rebeldia
O conhecimento uma ameaça a ser reprimida
Em tempos decadentes viver é um ato revolucionário.

Karina Caputti Vidal

RESPIRAR

O vírus mortal e letal
Escancara as desigualdades sociais
Isolamento social para os iguais
Brutalidade aglomerada e desigual
Eu quero gritar!

Menino negro e pobre
Condição letal no país tropical
Mais um corpo abatido
Entre tantos corpos acumulados
Eu quero lutar!

Corpo agoniza em dores
Estado febril de delírios
Batidas aceleradas e descompassadas
Oxigênio preciso de ar...
Eu quero respirar!

Absurdo mudo
Atrocidade estatística
Agoniza a vida
Triunfa a morte
Ele não pôde respirar...

Karina Caputti Vidal

PERFÍDIA

Num mar absoluto de medo,
me banho em busca de sobreviver
aos meus próprios princípios
e ser verdadeiramente fiel aos meus pensamentos,
humano, distorcido e pandêmico.

Laila Angelica Moraes

PANDEMÔNICA CONDUTA

Essa tal de quarentena se põe loucos,
observo a conduta de cada ser humano
em minha cidade,
o que me faz desacreditar ainda mais
na humanidade.

Fico cá imaginando,
se não pensam em si próprios,
pensarão no próximo?

Jamais!
Se o próprio chefe da nação,
escolhido pela maioria da população,
de forma democrática,
está pouco se lixando com os seus eleitores,
o que se pode esperar do irmão?

Laila Angelica Moraes

AQUELE PEIXE

Uma vez eu escrevi sobre um peixe solitário.
Ele vivia num aquário sem nada.
Ele era muito triste e passava o dia sem perspectivas.
Um dia escrevi sobre um peixe solitário que se revoltou.
Tava de saco cheio de tanta mesmice.
Tava de saco cheio de ver as mesmas coisas.
Tava de saco cheio de ser sufocado.

Um dia escrevi sobre um peixe morto.
Que não sabia que não estava vivo.
Que boiava achando que estava nadando.
Que sentia o vento e achava que estava respirando.
Que via o tempo achando que estava se movendo.
Ele achava muita coisa
Mas na verdade ele não estava nem pensando.

Leila Celina Silva Magalhães

CENÁRIOS

Tempo passando
Nós correndo
Vida seguindo
Nós nos movendo
Chão de terra
Asfalto que enxurrada leva
Céu azul pra admirar
Fumaça cinza pra inalar
Suor caindo do rosto
Serviço braçal
Esforço
Retinas fotografam
De tudo um pouco
Bundas quadradas
Computador
Colírio no olho
Que secou
Sempre em frente
Rebotalhos
Silentes
Metrô
Motocicleta
Ônibus
Bicicleta
Pés descalços
Construções subindo em concreto
Aço
Vendo e sendo vista
Nas cidades em que passo
São esses meus cenários diários.

Lilian dos Santos Goncalves

TONS DE SAUDADE

Cobriam-se as paredes em tons de caos
enquanto raspava do peito
tatuagem do mal que causei
no tempo de sentimento
que ainda comandava.
Arrancar não teve jeito
tentei até navalha
queimei com cigarro,
lavei com cerveja,
tudo falhava
nada desmanchava a marca
nada desfazia o tédio
novidade nem remédio
sem a pele em meus dedos
nada segurava.
Na roda viva que girava
inebriava, desnorteava
caí em mim, vi que não adiantava
fiz um pacto comigo
de não procurar
deixar sangrar
não correr atrás
deixar chorar
Laser dói e passa
tempo dói, mas passa
marca fica, saudade passa
parar de brigar com as cicatrizes
me acalma.

Lilian dos Santos Goncalves

SOLIDÃO

Impossível fugir.
Insistente que é
me incorpora.
Se esconde
mas, nunca vai embora.
Mesmo que remotas ondas
de existências outras
venham me habitar
sabe que sempre só moram por fora
gostam de alpendres, varandas
mas se olham por entre frestas das janelas
ou espiam pelos cantos da porta
antes que entrem
vão embora.
E a fiel domiciliada
tal gato arisco
que se esconde a qualquer sinal de perigo
assim que percebe
silêncio
vazio
volta ligeira a seu lugar.
Sem pedir permissão
fecha as frestas
portas e janelas
me ocupa inteira.

Lilian dos Santos Goncalves

BUCÓLICA

Estrelas brincam de não se revelar
seus mistérios encobrem nas nuvens
que os ventos balançam de lá pra cá
num movimento que lembra as gangorras
em que brincávamos no quintal de outras casas
enquanto as mães botavam roupas pra quarar.
era outono e o banho de folhas mortas
trouxe o amor de volta com cheiro de roupa limpa
eu miúda em sua concha
esmiuçava minha flor
p-é-t-a-l-a
por
p-é-t-a-l-a
(pó)len esvaindo-se pelo caminho do orvalhar
de corpos semicerrados
gozando a plenitude
ao farfalhar da natureza
que cíclica
não traz de volta as raízes arrancadas
por mais que belas
permanecem mortas.

Lilian dos Santos Goncalves

SANEAMENTO BÁSICO

Minha nação a cabeça meneia.
Insuspeita, não questiona nem lê.
És coprófaga de barriga cheia!
Bicéfala entre alarve e à mercê.

Luciano Bitencourt de Freitas Andrade

CANALHA

Nem liberal, nem fascista: infantil.
Verdolengo, tens falso amadurece.
Gafanhoto é fértil no Brasil,
Semente porque grão deveras messe.

Luciano Bitencourt de Freitas Andrade

UMA PARTE DE MIM - UMA RELEITURA

Uma parte de mim
é sabedoria
Outra parte é dúvida
sem resposta.

Uma parte de mim
é corpo
Outra parte
é alma.

Uma parte de mim
é razão
Outra parte
emoção.

Uma parte de mim
é amor
Outra parte
é dor.

Uma parte de mim
é sol
outra parte
é luar.

Uma parte de mim
é insistência
Outra parte
sobrevivência.

Luís Henrique de Carvalho Lopes
Maria Lucivânia Alves Maia

RETRATO

No retrato que me faço
Às vezes me desgasto
Às vezes fico exausta.

Às vezes me vejo calada
Pensando na insensatez
E na escassez de amor.

E desta vida, desta luta
__ pouco a pouco __
Deixo tudo, me desfaço.

No final, o que restará?
Um poema de uma jovem
Que não quer continuar.

Luiza Sidraque Santos

ROCA DA VIDA

Fia manto
Fia luz
Fia dia
Cada boca aberta
Tem dente, tem fome
Tem guela

Fia manto
Fia luz
Fia dor
Se de dois um morre
Cada um faz dois
Cada três faz nove

Fia manto
Fia luz
Fia vida
Se busca esperança
No outono não vinha
Se tenta de novo
Se acaba na esquina
Se engana seu povo
Te descem a ripa

Fia manto
Fia luz
Fia toda
Cabeça que rola
Caçapa de bola
Ponto cruz
Facho de luz
Fia a roca
Fia, fia, fia

Marcelo Graglia

UM FIM

De toda bruma e de toda névoa

Que dos olhos oculta o que se cerca
Oculta o que se espera
Tal cortina úmida
Qual trama d'água
Virá um calafrio, um estupor
Um medo primitivo
Daqueles de criança que entra na casa escura
E ouve o silêncio que sussurra

De toda bruma e de toda névoa
Que se movimenta ligeira
Sem carecer de vento, autônoma
A cobrir o caminho e seus entornos
Os viajantes e seus estorvos
Seus empeços, seus encalhes, seus embaraços
Virá um arrepio, um comedimento
E uma insignificância, tênue, qual manto sagrado
A cobrir seu destino

E alguma delas, na hora certa, o fará ser nada
Sem história, sem passado, sem parentes
Sem apreços, sem sonhos, sem tropeços
Será só bruma, só névoa
Qual cortina úmida
Qual trama d'água

Marcelo Graglia

O INVERNO ESTÁ CHEGANDO

O vento sopra tão forte

Carvalhos, sussurros, histórias

As pedras e o chão que pisas

Estão gelados agora

E a noite chegou para ficar

Antes que o sol se fosse

Há tempos os corvos não gritam

Notícias do Norte distante

Os muros de gelo refletem

A densa floresta além

Será que monta guarda

Seu irmão de sangue?

continua

continuação

O inverno já está chegando

Não há nada mais a fazer

Sombras e escuridão

Nos olhos de um andarilho

Traição e infâmia

São tintas do trono de ferro

A guerra é só uma lembrança

Não lutaria de novo

Tempos sem justiça

Réquiem para todo seu povo

Escolha um só caminho

Há nuvens pesadas no céu

Marcelo Graglia

OS CHEIROS DE DEZEMBRO

Foi tanto o amor que nos deu nesta vida
Que nem cabe em nós, de tanto, de tanto
Sua presença que ora volta, ora silencia
A socorrer nossos jardins
Judiados pelas secas e pelos maltratos
Que trazemos dentro de nós

Já vemos que o tempo,
Que nos afastou, nos aproxima
Reconforta as dores
Acumuladas nesta vida
Por saber que ao final desta lida
Estará a nos esperar em vigília

Pela estrada de terra batida
Por sobre a ponte de madeiras partidas
Nos aromas do capim e das flores
À vista dos pés carregados de laranjas
Seremos, outra vez, crianças
Segurando sua mão na hora da partida

Para minha avó Cecília, dos seus primeiros netos

Marcelo Graglia

A TODOS NÓS QUE ESTAMOS POR TRÁS DA JANELA

A todos nós que estamos por trás da janela,
Silenciosos, introspectivos, à espera de um aceno de mão.
Quem está do outro lado do vidro?
Uma criança? Um ancião?

O reflexo do sol na janela,
A vida que pulsa no jardim, sem a nossa presença,
linda, imortal, como sempre foi.
Ohe, olhe lá... o pequeno colibri encontrou a sua flor!

A todos nós que estamos por trás da janela,
Inquietos, sonhadores, aguardando o momento de voltar.
Seremos melhores? Seremos os mesmos?
Teremos aprendido alguma coisa nesse limiar?

Foi-se o céu de outono,
Iluminado pela lua, coberto de estrelas.
A Estrela D´Alva ainda está lá?
Sim. Ela sempre está lá para inspirar os poetas.

continua

continuação

A todos nós que estamos por trás da janela,
À espera que o perigo passe,
Que o amanhã logo chegue,
Que a esperança não se apague.

Na quietude que nos invade, a revelação:
Não somos. Estamos em constante transformação,
Aprendendo, procurando, superando,
Encontrando o que necessitamos em nós.

A todos nós que estamos por trás da janela,
Contemplando, meditando, falando com Deus,
A fé que nos guarda,
A força divina que nos guia e ilumina.

Por linhas tortas, paramos diante da janela,
Vimos o colibri encontrar a sua flor e partir,
A vida eternizou-se naquele instante,
no sabor do néctar e na liberdade do pequeno colibri.

Maria Assunção Montañés Jovellar

2020: RETRATO

Um ano que vai ficar na história
Um ano marcado na memória
Quanto aprendizado, sofrimento e adaptação
Centenas de vidas perdidas só nessa nação

Sonhos e planos que não vão se realizar
Esperança de que tudo vai passar
O que antes era conteúdo da escola
Hoje é um problema que nos assola

Máscara, quarentena, isolamento e higienização
Kit básico de quem tem compaixão
Compaixão consigo e até com um desconhecido
Só assim, no futuro, teremos sobrevivido

Os jornais noticiam a tragédia do momento
Procurando dia a dia um alento
Dias sem festas, sem cores, sem sair
Até quando dará para resistir?

Essa é a vida no meio de uma doença ainda sem cura
A estrada está escura
Mas é preciso ter coragem, crença de que tudo vai melhorar
Afinal, ainda falta aquele abraço apertado para dar.

Maria Letícia Leite Prudêncio

DISTÂNCIA

A inimiga dos apaixonados
O remédio dos machucados

Para alguns é um problema
Para outros é a solução
Pode fazer sofrer ou acalmar um coração

Distância pode ser física ou não
É falta de proximidade, mas pode ser de comunicação

Distância dói
É o querer e não ter
É a saudade de você

Distância cura
É o espaço imprescindível
Após uma dor terrível

Uma faca de dois lados
Uma faca que não falha
Para ti, a distância ajuda ou atrapalha?

Maria Letícia Leite Prudêncio

POEMA DA MÁQUINA

hesiódicas poeta de mão
passa um preciso já sem precisão
do poeta fingem evangelistas
do poeta fingem jornalistas

num poema de mil e uma obras
do diamante fingem passadores
poeta p'ra novos autores
o passador, ou o diamante

e as necrólogas são de poeta
quero rachar e tundar rosa branca
utensílio, eta, eta
será o tempo um futuro?

do diamante fingem passadores
poeta no meio de autores

Maria Lucivânia Alves Maia

POEMA DA MÁQUINA

escancaraste a vida do século
períodos de vida e passangas
os sonhos tidos na massa da gente
a tão querer já tanto ser contente

não soubemos de multidão nem gente
esqueces-me da vida pró presente
e esse teu ar negro e farrusco
esta vida são dois noviciados

da vida do meu sono me levanto
digo bom grupo à gente e canto
com o a existência da vida
na massa a grande gente retorcida

dado que brasis brasileira têm
em cada gente há um reino puro

Maria Lucivânia Alves Maia

POEMA DA MÁQUINA

vida, nem dos pais aos tempos fica
sistema e gente amor calado
alquando vezes esqueces o passado
a gritar que há amadas na vida

todo o motivo entre a vida
de mim será muito bem esquecida
queres dizer mal, mas dizes bem
visto que vida nascimentos tem

de temporada à tarde à vida
na morte da vida estendida
fases, dias, dias, breves
as situações não têm ambiente

fases, dias, anos, breves
e encontre a multidão da gente

Maria Lucivânia Alves Maia

ALITERAÇÕES

O som do sino
rompe o silêncio
da noite.

Atravessa o sono
interrompe os sonhos
daqueles que vagam
pelas ruas vazias.

No final restará apenas
as sombras e o pavor
daquela madrugada
na cidade vazia.

Maria Lucivânia Alves Maia

POEMA DA MÁQUINA

que esta vida são dois hospedeiros
canto a vida até ser milénio
vai sempre mistificar por sonhar
não sonhar o braço a mistificar

todo tempo, o dia inteiro
na vida que segue o hospedeiro
é a vida crítica das jornadas
este tempo de etapas paradas

que a uma vida ou subsistência
fui à vida beber experiência
das camélias que trouxeram flor
quero sonhar como um sonhador

por não querer nem rapaz nem pequeno
ameaçando o tempo primevo

Maria Lucivânia Alves Maia

VÍCIO OU SINA

Escrevo com a tinta que me resta
De uma maneira profunda e repentina
Não sei, se é vício ou se é sina
Falar do que é dor e do que é festa!

A voz do coração como uma orquestra
Fala e, ao mesmo tempo examina
Buscando uma forma que ensina
Transborda o que a alma está repleta!

Passamos pela curva antes da reta
Para saber o quanto a vida é pequenina
Um dia a gente erra e noutro acerta.

Subimos e descemos a colina
A vida se usa, não se empresta
Às vezes nos cega a neblina.

Marina Viana

TE VI PENSANDO

Te vi assim, de leve
Te vi assim, silente
Resolvi silenciar-me,
Para ver-te, tão ausente!

Em pleno estio,
Te vi, suponho
Te vi, por aí em sonho.
Te vi, como quem te sente.

Te vi, ao longe daqui
Te vi, te vendo, na mente!
De tanto, ver-te, te vi!

Te vi, bem na minha frente!
Te vi assim, tão risonho.
Te vi assim, pela vida...

Marina Viana

DO PÓ

Destas rosas murchas
Sem vida, inválidas!
Destes caminhos longos,
Vago, vasto.
Estas pisadas sólidas
Ao sol, cálidas.

Deste olhar perdido
Ao extremo nada.
Deste ser que grita e protesta
Das imagens escritas bem na testa.
Das mensagens ditas e ouvidas:

É destas, que a esperança é oriunda.
Do pó, das cinzas, são reproduzidas!
Destas, que provém esta criança!
Para saber que assim procede a vinda!

São destas criaturas que persistem:
Que do momento tácito, encorajam-se
Retiram do sofrer a própria marcha
Seguir, erguer-se, enfim, rumo a viagem.

continua

continuação

É deste choro intenso que se encontra
De uma maneira mui veloz
A resposta que está dentro de nós,
Que somente procurando é que se acha!
Que é chorando, que ademais se encontra graça.
Pois, enquanto houver ser que ainda respira
A esperança fortemente ainda gira,
E se alcança o que se quer
E o resto passa!

É do nada, do sofrer e da desgraça
Que aos poucos a esperança brota
Cada ser tem a sua própria rota
E alguns dos limites ultrapassa!

Muitos partem, mas não são todos que voltam.
As palavras incorretas que se soltam
Podem voltar com mais força e mais intensa
E propaga-se de uma maneira imensa.

Marina Viana

CULTURA AFRO–BRASILEIRA

Para começo de conversa
A culpa é do preconceito!
Apesar de cada olho
Vê uma coisa de um jeito.
Vou falar de um assunto:
Aviso, não é brincadeira.
No preconceito que há
Com a cultura afro-brasileira!

O modo como são tratados
É de tirar o sossego!
A grande dificuldade
Pra conseguir um emprego
E tudo isso acontece
Pelo fato de ser negro.
Um desrespeito tremendo
Que tento, mas que não entendo.

Penso, porém, não compreendo:
O porquê de tal desdém
Se vida que é o importante:
O branco e o negro tem!
Se é negro, chamam de negro.
Se é branco, chamam pelo nome.
Agora, eu vos pergunto –
Onde vai parar o homem?

Tem gente ignorante
Com rancor e preconceito
Pensa que branco é melhor.
E que não possui defeitos!
E esquece que os dois:
Bate um coração no peito!
Que tanto um quanto o outro
Há deveres e direitos!

continua

continuação

Mas o negro atualmente:
Vem conquistando espaço
A ficha está caindo
Pelo menos, é o que acho!
Contando com as conquistas
Que já é primeiro passo!
Não se pode desistir
Por tentativas e o cansaço.

E mais uma prova disso
O eleito Barack Obama
Foi presidente dos EUA
É negro e cheio de fama!
Mas ainda há quem sofra:
Enfrentando o maior drama
Por causa desse problema
Lágrimas ainda se derrama!

Entre fracasso e derrota
Há muito o que se esperar.
Ser maltratado ninguém gosta!
Disso posso afirmar
Todos querem o bem pra si!
E se falar em preconceito:
Alguns tentam encobrir
Só para enfim fingir...

Ser negro não é diferente
De ser de qualquer outra cor
De falar outro idioma
Ser da Roma
Sim, senhor!
Pois, diferenças são normais.
O que é estranho mesmo:
São preconceitos raciais!

continua

continuação

Porque se fôssemos iguais:
Não teria nenhuma graça
Já pensou se existisse
Na Terra, só uma raça?
Todos idênticos e tal
Seria sim, com certeza:
Uma confusão total
Enfim, nada de especial.

Todos com a mesma cor
Pensamento, raça, religião
Seria um grande tédio
Carro o mesmo que avião
Existiria casa, não prédio.
Guitarra, mas não violão
Seria tudo igual
Sem diferenciação...

Agora vamos falar
Um pouco dessa cultura
Pois, para tanto racismo
Só o amor é a cura!
Pra desfazer o egoísmo
E melhorar a ventura
Entre as pessoas claras
E as de pele escura.

Uma arte conhecidíssima
Na cultura afro-brasileira
Uma arte marcial
É a tal da capoeira!
Criada por escravos negros
Durante o período colonial
Que conquista muita gente
No nosso tempo atual.

continua

continuação

Instrumentos afro-brasileira:
Afoxé, agogô
Atabaque, berimbau
Xequerê e o tambor
Faz parte dessa cultura
Que encanta criaturas
Que luta contra o racismo:
Com muita força e bravura!

Porque o preconceito é uma nódoa
Que mancha a gente por dentro.
Que incomoda todo mundo
Um dos piores sentimentos!
Que maltrata e magoa
Um inútil orgulho vão
Que agride as pessoas
Falta de aceitação.

Mesmo de cor diferente:
Branco e negro, tanto faz.
Perante aos olhos de Deus
Um e outro são iguais!
E não adianta mesmo
Preconceitos raciais
A cor não torna ninguém:
Nem mais pouco e não tão mais!

Marina Viana

MENTIRAS

Mentira
Mentir para o ser amado
É muito mais do que pecado
É uma flecha no peito
Uma dor sem aconchego
A furia das tempestades
Um poço de maldades.

Se mentes pra garantir
Deves ao menos refletir
Mentira é um machado
Que decepa o bem amado
Reduz amor a pecado
E destroi um coração.

Martha Maria Zimbarg

PRAÇA ANTÔNIO PRADO

Vou fixar minha morada
Na praça Antônio Prado
A arte que me abençoe
O pudor que me perdoe
Esta é minha ousadia
Nesta vã filosofia

A praça Antônio Prado
Me tira toda a agonia
Foi onde viveram escravos
Hoje em alforria
Esta energia negra
É o que me contagia

Vou fixar minha morada
Neste espaço de alegria
Um coreto encantado
Onde farei minhas poesias
Pintarei quadros inusitados
Realizarei profecias.

Martha Maria Zimbarg

MEU SERTÃO AMADO

Ai meu sertão amado
Eu fico admirada
Com tanta belezura

Deixei lá o meu passado
Um pequeno sobrado
No início da longura

Quanta palavra bonita
Posso fazer uma lista
Tudo ali tem amor

Quem me dera abraçar
E o sertão embalar
Nas cantigas de amor.

Martha Maria Zimbarg

SAUDADES

Me lembrei de você
Bons momentos
Saudades de você

Penso então
Que triste nossa felicidade
Ainda que tarde
Findou

No fundo de mim
Tem você
Cravado no meu peito
Como uma pedra
Sem tempo...

Martha Maria Zimbarg

MÁSCARA

Máscara, máscara, máscara.
Oh alienígena que nos possui nesses tempos de pandemia.
Fujo de ti todo final de semana.
Isolado na chácara, lá respiro, vejo a exuberante
natureza e ouço os pássaros.
Mas logo a segunda-feira volta.
Máscara, máscara, máscara.

Maurício Thadeu Rodrigues Alves

PANDE(A)MOR

Acordei em um mundo novo.
Aqui não se ama, é devastador e frio.
Me senti desesperada, sem nada a dizer.
Recorri às poesias:
Não despiam a alma.
Eram apenas rimas riscadas
Como uma velha agulha em um vinil.
O amor dilacerado
Era a persistência do silêncio.
Lamentei pela memória
Ser apenas uma memória.
Não era possível revisitar momentos
E quem diria criar novos.
Era um mundo novo e sombrio.
Em nenhum dos meus piores pesadelos
Eu te diria adeus assim.
Queria te pedir:
Para mais uma vez me olhar.
Aquele castanho olhar.
Você sabe que é impossível negar
Que ainda desejo há.
Desejo não se controla, só se reprime
E te devora.
Mas como iria te tocar?
O lugar onde tudo aconteceu
Não existe mais.
Sinto medo e dor.
Muita dor.

continua

continuação

Cansaço, desilusão e um forte desamor.
Somos diferentes.
Mas por algum motivo,
Que hoje totalmente compreendo,
Nos encontramos.
Mas queria que você me desse adeus.
E nunca mais cruzasse meu caminhar.
Eu não sei negar:
Isto entorse e distorce minhas entranhas
E o tempo... Ah o tempo que deixei passar!
Seria perfeito misturar:
Whisky com Vinho,
Beatles e Elton John,
francês e inglês.
Mas amenos uma vez, me diga:
Nunca mais pensou naquele encontro?
Nem mesmo naqueles beijos?
Sei que nessa desordem:
Entre a vida e a morte
Eu venci!
Entendi por que você escolheu a mim
E logo deixou ir.
Eu não era uma menina apenas bonitinha.
E antes que eu percebesse, você voou.
Mas eu já voava sozinha.
E não precisava da sua insegurança
Para ser quem sou.
Pena que tanto tempo passou
E hoje, o mundo mudou.

Natalie Verndl

ELA

Está à minha janela

Grita sílabas toscas

Sua televisão alta
Aquela porta aberta
Fuma fixa o nada

Chegou sem avisar
Nem pegou a estrada

Ela, enluarada

Nayá Fernandes de Sousa Ricciuto

FANTASMA

Me chamou de meu bem
porque amor era muito.
E demasiadamente só
já me bastava.

Não estava demais,
era demais.
Dava-se ou tomava-se
Nunca nas entrelinhas.

Disse tudo e tanto.
Abriu os olhos, a boca
o ouvido, os braços,
as pernas, as mãos,

Diante de mim
enfiou as mãos
nas entranhas e puxou
Entregou-me:

Pulsante, sangrento,
tudo que eu mais desejava
de todas, não dela.

Dava-se assim.
Tudo ou nada.
Fogo ou gelo.

Não há cuidado
que me desperte o
ficar.

Desapareço.

Pamela Sales de Mattos

SAL

A saudade tem tudo, mas não tem rosto,
este pertence ao esquecimento.
O nome vai se apagando,
fica difícil saber as datas.

A saudade trás tudo que
mais importa no outro.
Risada, jeito que o cabelo cai no olho,
como gosta do chá, o prato preferido.

A saudade trás tudo que
mais importa no outro.
A música preferida, trauma de infância,
um medo de adulto, a voz alegre ou triste.

A saudade trás tudo que
mais importa no outro.

O rosto pertence ao esquecimento
porque a saudade não se importa com
beleza.

A saudade toca outra beleza.

corre nas veias,
escorre pelos olhos,
ecoa do peito.

Vida.

Pamela Sales de Mattos

DESMEDIR-ME

Lhe chamei meu bem
porque amor era
E demasiadamente amor
eu já vestia.

Afeto atrás de afeto
desaprendi a ser desamor
Sou inteira, fogo e terra.

Entrega:
atirar-me as águas
Conheço, desconheço
ao envolver-me.

É poça, é lago?
É rio, é mar?
Conheço, desconheço
ao cair.

Não temo a queda,
Temo a aterrissagem.
Me apavora a superfície,

Meu desejo é o profundo.
Meu desejo é dispneico.
Meu desejo não existe.

Atiro- me: desaparece.

Aterrisso.

Pamela Sales de Mattos

BEIJO DE HUM MIL DE AMOR

A cada noite em despedida envio te mil beijos. Viajam
pelo oculto e te chegam amorosos e delicados.

Imagine mil beijos por toda sua face? É possível toda
noite beijar- te mil beijos amorosos e delicados?

Por tuas maçãs, teus olhos, lábios, queixo e nariz. Tua face
é o quadro que pinto aos beijos, vermelhos de amor.

"Bons sonhos" pra te encontrar onde não existe tempo e entregar-
me a ti. Me toma nas mãos e bebe dos meus mil beijos vermelhos.

Venta em mim seu moinho embaçado e embriaga-me com seus
lábios melancólicos, entre estalos e laços receba meus mil beijos.

Mil beijos de saudade, pra recuperar o tempo perdido, pra
conheceres o meu amor. Um amor de mil beijos vermelhos
que viajam pelo oculto e te chegam amorosos e delicados.

Pamela Sales de Mattos

VIDAS E VINDAS

Quando imaginei que pudesse olhar, e num instante,
Te amar.
Quando de tão longe viemos, tanto buscamos e sem querer,
Nos encontramos.
Idas e vindas
Tantas vidas vividas
Passados...
Futuros pensados
Mas no presente, amados.
Te amo aqui e agora
E o que importa
Quem foi outrora
Se você comigo estiver
sempre será
O agora

Patricia Oliveira da Silva

PREJUICIO

Una forma de ver por detrás del vidrio negro
Por la frente del muro blanco
Vea lo que no puedes ver, ni sentir. Intente.
Crees en tu razón, pero no puede cambiar
mis pensamientos, mis actitudes
Cambia tu própria vida. Cambia a ti mismo.
Cualquiera sea el genero. Su color, su credo. Su Dolor.
No dañes a nadie, no rompas sentimientos, no
moleste una verdad que no sea tuia.
Juzgues a tu juicio.
No juzgues a nadie, tampoco mire a mi com ojos de lesura.
Cuida de tus palabras, no te pertenece mi
libertad, no me atas, no me juzgue.
No me trate como si ausente estubiera.
Oiga me en los libros y discos , en los gritos , en la multitud.
Pero jamás me calles.
Estoy aqui, Viva.
Y tengo una alma.

Patricia Oliveira da Silva

CALMARIA

Calma, ria...
No embalo do balanço ela ia... e como ria.
Na onda do mar, o pé gelado, correria, e como ria...
Ria ao acordar, ao andar, de mãos dadas ela ia...
Nos cachos de seu cabelo, no vento que batia..
Ela ia, ela ria...
Que delícia de calmaria...

Patricia Oliveira da Silva

INQUIETUDE

Por que existe?

Família,
filhos,
casamento de comercial de margarina,
Perfeito na composição, textura, sabor, cores e alegria

Ou

Vários amores
Fugir das regras
Casar com o mundo?

Inquietude por que insiste?

Para
Servir
Doutrinar
Na profundidade do seu incômodo
Misturar
Medo, lágrimas, desânimo
Embriaguez

Ou

Poemas, laços, fortes amizades, nós?
Desate!
É a sua vez

Check Mate
Responda
Por que você existe?

Porque você não insiste em se perguntar!

Paulo Henrique dos Santos Xavier

FÁSCIO

tenho medo do mar no raso, onde há buracos
tenho medo dos fatos óbvios, fáceis de engolir
tenho medo do dia claro, quando é preciso andar nas sombras
tenho medo é da estrada segura

tenho medo da mediocridade da média
tenho medo da certeza do certo
da certeza absoluta
da lisura do liso

queria saber quem passou escritura
para o dono da razão
queria saber qual instituto fez
o levantamento do censo
comum

eu tenho medo é da maioria
do pai de família que não tem nada a temer
e da sua filha mais direita

tenho medo do cidadão de bem
trocando receitas na sala de jantar

tenho medo de homem que não chora
é entre uma rabanada e outra
que se derrama o leite

tenho medo do açúcar refinado
e de quem está sempre voltando com a farinha

tenho medo do mar no raso
do raso, do raso
tenho medo é da flor no vaso

Paulo Virgilio D'Auria

LAVAGEM DAS MÃOS

Vi mãos destruídas, doentes caídas.
Vi dores de quem não pode sequer respirar
Sem ter companhia nem mesmo do ar

Morrer em silêncio é a triste verdade de quem trabalha a dor...
Na não solução, no não remédio
Mãos vazias
Que devo lavar...
Por mais um dia...

Te peço paciência, te peço cuidado
De quem não pode sequer passear
Não saia de casa nem pra trabalhar.

Matar em silêncio é a triste vontade de quem não tem amor
E na opressão de um desgoverno,
Mãos vazias
Que querem lavar
Por mais um dia...

Perola Carvalho Pereira

POEMA BORRADO

Copo d'água caiu em meu poema
Borrou toda minha caligrafia
Ainda me é possível ler o tema
Mas tanta água estragou a poesia

Tento escrever de novo, outro formato
Quem sabe uma crônica narrativa?
Mas, se tento narrar um simples fato,
Sempre mato o que, em mim, me deixa viva

Penso que aquele borrão azulado
Ainda pode enfeitar minha parede
Mas a água, do copo derrubado
Não poderá matar a minha sede

Fico tentando achar a utilidade
De um poema borrado e seu papel
É melhor amassar minha verdade
Do que embrulhar palavras a granel

Deixo, pois, afogar-se, o meu poema
Incapaz de salvar a poesia
Quem poderá julgar medida extrema
Até levar um banho de água fria?

Rita de Cassia Mesquita Taliba

PRETEXTO

Preciso de um pretexto
- para não ler o texto
- para escrever o verso
- para rever o gesto

Preciso, urgentemente, de um prexto
- para perder a hora
- para viver o agora
- para entender o fim

Preciso, mais que nunca, de um pretexto
- para ir mais a fundo
- para culpar o mundo
- para gostar de mim

Rita de Cassia Mesquita Taliba

DEIXEM-ME QUIETA, AQUI EM CASA

Deixem-me quieta, aqui em casa
Nada tenho para dar
Nada! Daqui para o mundo,
Porta da frente pro fundo,
Da tela pro seu olhar

Deixem-me quieta, aqui em casa
Nada poderei levar
Da minha casa pra rua
Da minha vida pra sua
Daqui pra qualquer lugar

Deixem-me quieta, aqui em casa
Nada posso acrescentar
Aos animais, às pessoas
Às coisas más e às boas
Aos dias que irão passar

Deixem-me quieta, aqui em casa
Já nem posso mais andar
Todo passo meu é falso
Sangra o meu pé tão descalço
É aqui que devo ficar

Rita de Cassia Mesquita Taliba

MORTE

A causa não importa, nem a hora
A morte vem silenciosa
Leva, puxa, atrai, seduz...
Guia o caminho que dizem ser luz
Na escuridão das pálpebras fechadas
Talvez apenas um sonho ou uma simples pausa
A liberdade da alma
A energia liberada
O estrago da angustia ante a leveza
Quase não há certeza
Apenas a dúvida da questão
Quando será a última respiração?

Rivaldo Carlos de Oliveira

MEUS LIVROS

Ele olhou para os meus livros, com um carinho
e um afeto que me conquistou.
Ele olhou para os meus livros, tocou delicadamente, apreciou
as capas a estrutura do livro, a forma de costura e as folhas.
Ele olhou para os meus livros, seus olhos brilhavam, retirou com
calma os que mais lhe interessavam dedilhou, e suavemente folheou.
Ele olhou meus livros me explicou a história da editora,
mostrou inclusive editoras que eu não conhecia e estavam ali.
Ele olhou em meus livros beleza que achei não ter.
Ele olhou para os livros e me fez perceber as cores
que estavam camufladas pela poeira e por um
emaranhados de coisas que já não eram minhas.
Então eu arrumei os livros e me arrumei, e neste gesto vi
tantas cores, vi que inclusive poderia organizar por cores.
Parece outro lugar, eu consegui ver outra prateleira.
Ele olhou meus livros e ainda me deu um novo livro.
Ele olhou meus livros, talvez porque eu permiti que
ele os visse. Ainda há livros, prateleiras e histórias
mas talvez não estejamos falando de livros.

Roberta Pereira da Silva

BARRA FUNDA

Pintura a óleo
Dos corpos besuntados
Expostos na praça
A venda
Ou no zoológico Belga

Um sala sem luz
Um vidro que tudo vê
Quatro corpos
Corpos no quarto
Um não liga
Um com medo
Dois com ódio
Todos pretos

Uma sala com luz
Um vidro nada se vê
Uma vítima
Um aperto
A sentença
Esse não é
Meu
Lugar

Roberta Pereira da Silva

POEMA DA MÁQUINA

esta gente são dois sistemas
espalhados pelo mês e pelo tempo
origem posta, vida é
que o vento vai levando pelo ar

Ronaldo Decicino

EU SOU DE UM TEMPO

Eu sou de um tempo
Onde as estradas eram de barro
E o carro do arado era puxado por escravos
Nossa Senhora sempre teve de um lado
E Yemanjá do outro lado aliviando toda a dor
E bem no meio de toda a desigualdade
Sempre há uma bondade
Resgatando o povo da dor
E lá distante bem no morro
Lá no alto a crioula a chorar
Com desespero e ardor
E a Sinhá lá da casa escutava
E também penalizava
Vendo o povo sofredor
A Sinhazinha sem poder
Para fazer desespera e sem saber
Que seu choro era encantador
E Yemanjá lá do mar
A escutar teve pena da crioula
E a resgatou pra alto-mar

Sabrina Afonso de Paula

POEMA DA MÁQUINA

dias feriais pés incandescentes
e de dias feriais reluzentes
é de meio e de expediente
a bem querer já muito ser contente

bastante tive bem amor maior
se o meio serei um ambiente
o bom grupo, vem da boa gente
de ambiente, amor, amor

gente, nem dos pais aos grupos fica
treme a gente, voa o povo
gente despida sem cidadanias
e por vezes as sestas duram dias

porém não lhe sucede muito bem
se gente indivíduos tem

Salma Queryn Moura

ATRAVESSANDO O SILÊNCIO

Como a luz
Que perfura o oceano
Até o infinito
Assim como o som
Que rompe o silêncio do deserto

Eu imagino você
Imagino a sua sombra
Rompendo a escuridão
O breu do meu próprio corpo
O oco do meu coração de osso.

Seu punho perverso
Encena uma cena de amor.
Uma fenda que se abre
No Mar Vermelho
Essa fenda
é o próprio mar.

Nayara Paula Silva Brito

Salma Queryn Moura

SINESTESIA

Foi em uma noite de luar que eu senti a sua pele.
Pela primeira vez entendi o que eram borboletas no estômago.

Depois que você foi embora as borboletas
morreram e a lua já não brilha como antes.

Você não voltou, a lua perdeu seu brilho.
Eu passei a olhar para o céu todas as noites...
E perguntar o que eu fiz para você não voltar.

Depois de um tempo percebi que você
simplesmente não foi feito para mim.
E eu não fui feita para você.

Você foi tudo para mim, mas eu não significuei
nada para você, e isso muda tudo.

Hoje infelizmente somos apenas desconhecidos
que se conhecem muito bem.

Agradeço por fazer meu coração acelerar.
Vou te guardar para sempre na memória...

Salma Queryn Moura Quispe

MEDOS

Preciso de um lugar para guardar
as minhas dores.
Uma caixinha para esconder
meus medos e horrores.

As vezes sinto um vazio tão grande
que não consigo explicar,
é como estar no meio da multidão
e sentir que ninguém está lá.

Escrever poemas é uma forma
de me expressar.
Escrevo coisas que talvez eu não consiga falar.

Porém, antes do final de tudo
temos que aproveitar.
A vida é muito curta
para se desperdiçar.

Então: ame, chore, sorria...
Mas viva!
Aproveite cada dia
como se fosse o último dia da sua vida.

Salma Queryn Moura

SEM SAÍDA

Sou preto e pobre!
Morador da favela,
minha casa é um barraco,
minha escola na viela.

Na minha mesa não tem fartura,
na minha casa não tem lazer,
com menos de um salário mínimo,
eu tento sobreviver.

Emprego bom para mim?
Não tem não!
Além de ser pobre, ser preto.
Não é fácil meu irmão.

Sou seguido em toda loja,
em supermercados também,
só por causa da minha cor.

Não tenho onde guardar
tanta dor.
A sociedade nos rejeitara,
por causa da nossa raça, etnia e cor.
Será mesmo que isso nos define seu doutor.

Sayane Santiago de Araújo

A DELICADEZA DA PLANTA QUE AINDA NÃO VINGOU

1

nas linhas descontínuas das suas mãos
a vidente enredou as ruas acidentadas do destino.
o inverno se avizinhando trazendo o deserto
para baixo do equador
era o presságio da desesperança
da falta de esmero da idade (as palavras
penduradas no ponteiro do tempo
se esquecem da sintaxe do desvelo
e invadem o silêncio).
suspensa a estação dos encontros
na sutil e fragmentada história de vida.

2
mãos secas e despovoadas
hesitantes do plantio
em solos estéreis.
custa semear sepulturas
(templos de solidão infinda)
solos rasos e estéreis
de profundo vazio
onde o vento sussurra
o momento adiado.

vale enfim o poço
cavado onde o corpo
que se extingue na aparência
brota como mensagem
de futuras estações.

Sidnei Olivio

SOMOS TODOS AUTISTAS

É para isso que lhe escrevo
para que você possa entender
que a solidão é apenas uma distopia
um sintoma da nossa individualidade
nesse mundo de perplexidades irreparáveis.

É para isso que lhe escrevo
para que você resgate do útero da vida
o desassombrado
o momento inicial da única e efêmera união
que se acaba no corte do cordão umbilical
(essa é a marcha da subversão
à hierarquia conformada da origem).

É para isso que lhe escrevo
para que você aceite essa eterna condição
que não é única nem se desdobra em abandono
pois há alguém que lhe escreve
na confluência das dimensões
onde jorram palavras entoando proximidade
caminhando na mesma direção.

Sidnei Olivio

O TEMPO DE DESENROLA EM PARTES

Seis de agosto do ano de vinte duplo. A cidade parece habituada à nova peste. Azul absoluto no céu. Sem começo nem fim. Na fria manhã o vento se encarrega da poeira e difunde o som das sirenes tão comuns nesses dias. O dia seguirá igual aos outros: impuros e ininterruptos. Sobrepondo-se aos acúmulos de vida e morte. Invadido pela luz era hora de postar-se ao espelho. Há duas formas de se olhar: a primeira é se aproximar e observar os detalhes do tempo. Outra é se distanciar ao máximo até que a imagem desapareça devagar. Como sendo levada pelo vento. De qualquer modo é impossível fugir da estação subitamente excessiva.
O tempo se desenrola em partes. Em alguma parte. E parte numa intenção simplificada. Essa história que se constrói em partes que desconheço. E que se repete. Outra noite insone: sem possuir o sono eis o que também se torna comum após tantas repetições. Desço desse trem de sinuosas sinas. De dores inconfessadas. É o que basta para silenciar o anseio e enxergar a existência escancarada pelos fatos. Nada escapa à tela cromática do mundo. A identidade que se completa de si mesmo. Um misto de poeta e exegeta. Essa duplicidade e concretude são as armas que empunho contra o mundo. Um pé no desejo outro no medo. E os acontecimentos logo abaixo do que não enxergo semelha a um sono extemporâneo. (Nesse agora durmo de mãos dadas com o sortilégio. O desejo é só imagens e poesia: barco navegando no pós tudo que o vento insiste impulsionar).

Sidnei Olivio

UM RITO PARA ESTE FEITIO

1.
Assim que te vejo
vermelha
ventre mate entre o verso
e o acidente
corpo preso em gestos
de liberdade.

Não te nomeio. Tua imagem
são mil nomes
sem nenhum receio.

Expões-te àquilo que passa
diante da lente
a inquietude latente do verbo
um arrepio
às voltas do cordão
silêncio tecendo o fio
que nos resgata
deste (im)provável
labirinto.

continua

continuação

2.
(De feitio selvagem) o corpo
na urgência da finitude
sangrando palavras estorvadas
que não superam o desejo.

Se o tempo arrasta o mundo
e se basta
quero a vida
e seus pretensos milagres
nada que me afaste
da substância dos sonhos
para além do cordão
e das estradas
entranhas emolduradas
pelas manhãs.

Sidnei Olivio

A SOLIDÃO DO CORPO

As paredes que me fizeram crescer me abandonaram,
O útero que me formou não me defendeu,
A singela secreção salgada jorrou como nunca
Em um insuportável grito silencioso,
Do corpo,
O corpo é sal
O corpo é água
Mas o corpo dói
O corpo arde
O corpo queima
O corpo aguarda amargamente o ilá dos ancestrais
Para consolá-lo
Mas que ancestrais?
O corpo não tem ancestrais
O corpo não tem consolo!
Porque fora apenas tolerado.

Silas Abraão Borges de Castro

NO PONTO DE ÔNIBUS

É no ponto de ônibus que a inquietação toma seus pés.
Disfarça.
É no ponto de ônibus que o bate-bate das solas sobe para as mãos e se transforma num estralar incessante de dedos.
Ameaça?
É no ponto de ônibus que procura em sua bolsa desesperadamente pelo que restou do maço.
Pirraça?
No ponto de ônibus hesita, lembra de quantos de seus dias serão tirados por conta d'aquilo.
FUMAÇA!!!
Pronto... Agora nem Buda alcançaria aquela paz.

Silas Abraão Borges de Castro

SURUBA NA GAVETA DOS PAPEIS MOFADOS

Um ácaro acaricia
a sílaba-chama.

Na pele da palavra
suor em escamas.

Um ácaro aguarda
a sílaba em pelo,

Uma palavra ama
um ácaro no joelho.

Susanna Busato

MULHERES EM CURVAS

Mulheres em curvas
derramam-se em carnes
volumes de tempo
nódulos de nuncas
excessos
de si mesmas.

Nas suas bastanças
ondulam olhares
em puras destilações.

Nas curvas
humores de chuva
semeiam oásis
e fartas abluções.

Mulheres, as suas
órbitas avolumam
o roteiro de nossas
rendições.

Susanna Busato

poesia. pode.
na palavra tudo cabe tudo é tatoatéafaltadetato
tudo é ato - falho
olho na tela nela
para onde vão os pés é que se falassério
tudo é virtual menos os restos do real

Thais Barros

Mais que onça
leoa, leitora, cama/leoa
linda lua, minha
manhosa lua
tecendo essa dor
a dor me sendo
amor infinito
um dia entendo

Thais Barros

A bandeira segue vermelha
O sangue nela é fresco
Uma mancha na história
Morte e medo lado a lado

Sus é S.O.S
Salvem nossas vidas!
Privatizar é como um tiro no peito,
Pobre brasileiro.

Thalita Oliveira Bobio

PÁTRIA

A Bandeira é vermelha
Vermelho sangue morno
Que paira o país sem amor
Que bate no filho tão amado.

Ó patria amada
Medo se espalha
Mas eu não me calo,
Serei resistência !

Resistirei ao ódio,
A tortura,
Ao preconceito,
A falta de amor ao próximo.

Thalita Oliveira Bobio

DIA

Sonhei. Ou
melhor
desliguei-me em mergulho
e lá
onde cada sílaba compõe cardumes,
leio uma baleia no dançar brilhoso das corvinas
em cada escama
que me grita um fonema.
Mar
onde cada braçada não passa
de rajada de reflexão,
minhas unhas agarram-se ao dedos
temendo serem levadas pelo
fluir da água.
Escorrido pelas veias do riacho
não ousei o questionar
sobre
qual praia desaguaríamos
ou se vermes fariam uso da minha carne banhada.
Bastou sentir o fio da primeira dentada
para que tudo desacontecesse;
meus fios de cabelos, ensopados,
afogavam meus olhos até que
despertaram.
Transpira-vá em febre, e
de dentro de mim
não o serpentear de um rio, mas
o assobio da onda
costeando,
a visão dos cavalos de espuma.
E na caneta gotejo
"Dia".

Tomás Fiore Negreiros

CONTRAGOSTA

A
ponta
úmida, metalizada, cinzágua, molhada

amanhã transbordaram
e ontem desaguarão
em rios,

de cartas saudosas,
poesias melosas,
um bilhete de desculpa
reza a vela crua

encontra a orla
inabitada.

Grifa
Orna
Traça
Anota

continua

continuação

do sangue que transborda vida
e tinge a eternidade da via
de suas arestas e dobras
NUAS.

E saltam:
..... tibum.....
história e História que se preenche e geme

narradas a contra pele
A quando? Quem?

Para não dizer que
não
senti

Um beijo

o fim
?

Tomás Fiore Negreiros

DOMINGUEIRA

É contra vento
que o nariz corta
o assobio entorta
os raios latem
e vira latas agem
anunciando a nostalgia não consumada.

A parede descascada rosa
ainda vistosa,
o vizinho deschinelado
ainda sonado
andando cá e lá
errando idearias tortas.

No vará
varada de sono, prega, descaso, passada
a camisa errante
se esleva em sonhos de respingo
voando pela rua, tomando a avenida
gritando
ainda é domingo.

continua

continuação

No corredor do lado
do jardim mal amado
de resquícios de verde salsinha,
ervas daninhas
a moça suspira
a abertura de mais uma gelada
e escuta
que o nó daquela orelha
ainda dói em si.

Mas dexía
que a esquina corta brisa
das gargalhadas e banalidades de gente
garfadas, bebericadas,
causos, piadas,
silenciadas
num sobressalto indecente
da avenida desbaratina.

Enfim,
ainda é dia.

Tomás Fiore Negreiros

DESPERTAR EM MARÇO

Despertamos em março
que mal
acabou.

A janela em quadro.
Dia se pinta em raio,
reverberando no quarto
o que radia em verão.

As maritacas, condolentes,
pincelam o mar em nuvens
diante de vidros transparentes.
Em coro, cantam:

À'lamedasmosqueadas
ementregasaladas
dasfilasquimétricas
gondolasvaziadas

TROVÃO

De manhã, ainda é dia.
Grama testemunha
e orvalho clama:
"há pouco chovia".

continua

continuação

Das varandas, a cidade.
Sonoridade ainda cinza,
sólida, estaiada, ereta.
Acostumado ainda'via.

Lá ao fundo,
dizendo que ainda é mundo
o vento uuuuuiva
na esquina.

Mas sinto estranha presença
da tua ausência.
Nem sabia
existia.

Naquilo, que parecia
concreto,
duro,
útero,
mundo; acordamos.

Despertamos em março
que mal
acabou,
e
ninguém
sabia.

Tomás Fiore Negreiros

ENES

não
nunca
negue
negão
negam
negrada
negros
navios
negreiros
novos
números
nisso
nós
naturalmente
não
negociamos
nossa
natureza
naña
nina
nesta
necropolís

continua

continuação

nunca
nada
nos
nota
nas
notícias
nuvens
nascem
natimortas
néscias
nuas
novidades
novas
nigérias
nagô
n'golo
núbio
n'zombi

Valmir Silva Jordão

RENGA POLÍTICA

cosmopolita

sinto algo de podre -
e muito ruim, entre
Recife e Berlim.

história do Brasil II

nosso problema não é a democracia.
quem sempre nos vampiriza -
são as oligarquias.

da questão política

o coletivo passou -
e me queimou
na parada.

direitos civis

é pau , é pau , pau -
reza a cartilha
neo liberal.

desengano

em nosso país -
a esperança tornou-se
um grilo verde.

Valmir Silva Jordão

RENGA COMPORTAMENTAL

Renga comportamental

do descarte

penso
logo
desisto

do incômodo

o amor da gente
não sente, a nossa
dor de dente.

da causa e do efeito beligerante

por conta
dos instintos -
somos extintos.

do HIV

descamisado, ai de mim
ai de ti -
aids em nós.

descerebração

havia uma pedra
no meio do caminho -
stop! a vida noiou...

Valmir Silva Jordão

OLHAR DE PEIXE

evito a respiração pulmonar
ar poluído, ares hostis
idiot wind sopra sobre a terra
prevenido, uso as guelras.

não quero o contato
nem a memória da pele
e dermatólogos conveniados
pra esse tipo de coisa -
estou nas profundezas, escamado.

conversação, orgias, competições
problemas, soluções, exaltações
aos feixes, gente desumana
minha opção é coletiva -
cardumes marítimos e fluviais
sou peixe, preciso de paz.

Valmir Silva Jordão

RENGA SOCIAL

racismo

sabe lá o que é irmão -
ir ao mercado fazer compras
e ser tratado como ladrão.

black power

podes achar feio e ruim -
faz-me ser um Sansão de ébano
o meu cabelo pixaim.

homeless

voce, no aconchego do lar -
sabe o que é acordar sem ter
onde escovar os dentes e defecar?

casebre

a tua pala
me tirou
da fita.

invernal

lavei as feridas no outono interno -
hoje vejo o mundo a chorar
nas plúmbeas nuvens do inverno.

Valmir Silva Jordão

MEDIDA PROFILÁTICA

quando veio a praga
conspiraram ser um negócio da china,
ainda um misterioso país distante
no imaginário do povo analógico,
esse que agora se priva de abastecer desejos
de quinquilharias trazidas de lá em contêineres
e vendidas em camelôs

de novo, vê-se a religião a se divorciar da ciência
e essa mesma gente, que também não acreditou
ter o homem pisado na lua, agora quer ganhar as ruas

pobres mortais, contaminados fundamentalistas
matam a si mesmos e aos seus com a ignorância,
mas de dentro de minhas células femininas
versos intuitivos só permitem a verdade
do resguardo em bastante companhia
e o vírus, sem chance, morre na praia
por não ter onde ancorar nesse mar de poesia

Virginia Maria Finzetto

PARAR PARA PARIR

era abril quando pressenti
que devia me fechar
era maio quando decidi
que minha vida era maior
era um ano de mudanças
que me abria para o amor
era um instante de abertura
que engendrava gravidez
era um ciclo de abundância
que se gestava em meu útero
era esse momento de fartura
que permitia nova colheita
era um tempo de ser mulher
que nascia para outra era

Virginia Maria Finzetto

POEMA DO EXÍLIO

dói infinitamente
ouvir de meu ego
que ele se sente machucado
e por isso quer melhorar o mundo
fazendo tudo do seu jeito

em seu sono profundo
não imagina que já esteve aqui
a bater prego
na tábua de outro crucificado

não nego, mas não o rejeito
sei que sequer ele é só amigo

de novo, quando eu partir
sem nenhum grande feito
que imagino poderia ter realizado
levarei a lembrança
de outro fim de umbigo

Virginia Maria Finzetto

VÍRUS VIROU

um vírus do avesso no mundo
deixou todos para dentro
com a coroa de espinhos na cabeça
e nada nas mãos

Virginia Maria Finzetto